

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

LISBOA

Ao iniciar o 6.º ano de publicação, o «Noticias do Algarve» cumprimenta os seus leitores e saúda cordialmente todos os colegas da Imprensa Regionalista.

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz • DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA • Delegado em Lisboa: E. VALONGO • Telef. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO (CAGAS, 21) — TELEFONE 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 261 e 262 — Domingo, 15 de Junho de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRIDA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O ANIVERSÁRIO DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

SE uma data representa no coração humano, uma onda de vivas recordações, uma visão do caminho trilhado, na vida de um jornal, órgão publicitário, sem reações ou sentimentos próprios, sem o ego materialista das convenções fraternais, uma data é um acontecimento festivo no coração de muitos seres humanos, que lhe dão a vida e o calor das frases.

Cinco anos são passados na vida regionalista deste Semanário, na consciência plena, do dever cumprido.

Cinco anos de intenso palpitar no coração do jornal, coração tão branco como o papel em que é impresso, são passados a defender ideias, levantando ou materializando pensamentos rítmicos, promovendo

e colaborando em festas e homenagens, lavando o bom nome da nossa Província a todo o país, e aguentando firme os ataques inconsistentes, de quem muitas vezes tem o coração mais escuro do que a tinta preta que escorre

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

CRÓNICA DA CIDADE

TELHADOS DE LISBOA

O SOL é sempre o mesmo. Para os telhados de Lisboa só há uma estação.

FRANCISCO GOTA

A poesia. O sol com ela e nela está todo o tipismo da cidade, um sonho direi, tão cheio de beleza. Desde as

DOIS IMPORTANTES PROBLEMAS DE VALORIZAÇÃO DO ALGARVE

O REPOVOAMENTO FLORESTAL DA SERRA E O APROVEITAMENTO DOS SAPAIS

EM Janeiro do corrente ano deu entrada na Biblioteca da Casa do Algarve, em Lisboa, por gentil oferta do respectivo autor, um grosso volume de 426 páginas, formato almanaque, primorosamente impresso a duplicador e abundantemente documentado com gráficos e tabelas.

Tem o referido volume o título de «O Clima do Algarve» e



informações que muito interessam à Província, junta-se assim o propósito de render preito ao trabalho e qualidades de um novo que da mesma bem merece já.

Lisboa, Junho de 1958.

Carlos Sul

«A região serrana do Algarve (cerca de 2/3 da província) abrangendo o território situado a norte da

(CONCLUI NA 12.ª PAGINA)

Conto Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Retrato

A' entrada do escritório ou na loja. A' saída. A' tarde. O serão. Ir, vir. Minutos para almoçar. Pouco para repousar. Nada para pensar. Nem para sonhar. A máquina impiedosa. Um dia e outro dia e outro dia. Dia — trituradora — debulhadora: A MAIOR INVENÇÃO DOS TEMPOS MODERNOS!!!

Olhos cegos, aos poucos. De tanto aceitar a escuridão. Olhos que não souberam escapar à máquina-trituradora. Que se incorporaram nela, fracos. Olhos desossados. O deve e haver, o balcão, as mercadorias, o dinheiro, as relações, o diabo. A máquina. A MÁQUINA DE MOER HORIZONTES...

Espera. Não como pensava. O eléctrico cheio, não importa. Tira um livro do bolso, começa

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

EM POUCAS PALAVRAS

UMA senhora que tinha visto na véspera entrar para a sala de exames as pessoas que nesse dia terminaram as suas provas, encontrando-me, perguntou-me se tinha alguém ficado mal. Respondi-lhe que ficara uma mulher, ao que ela vivamente retorquiu «Ah! Já sei! Foi aquela do chaille!»

Não assistiu a senhora às provas, não conheceu o estado de preparação dos examinandos, mas tinha forçosamente de ser aquela porque era a que mais humildemente se apresentava. Pois não foi essa e sim uma outra que se enrolava em grosso casaco e que ainda nos foi pedir explicações porque a sua prosápia feita de vaidade e ignorância não admitia enxovalhos.

Ao passar o aniversário do «Noticias do Algarve» ocorreu-me esta pequena cena da minha vida profissional porque é o sumptuoso e muitas vezes o espalhafatoso que nós mais admiramos. A humildade, a modestia, a compostura, são qualidades que para a maioria não contam e são exactamente essas as que eu mais aprecio.

Eis a razão porque tenho uma viva simpatia pelo «Noticias do Algarve». Modesto, em paredes arcaicas, o «Noticias do Algarve» iniciou e confirma uma defesa constante dos interesses da nossa Província e, sobretudo, da nossa região.

Entendo que um jornal sem perder vista a defesa dos interesses gerais nunca deve esquecer

(CONCLUI NA 12.ª PAGINA)

constituiu o «Relatório final do curso de engenheiro agrônomo de Fernando Reis Cunha», nosso distinto patricio, natural de

PELO Eng. Fernando Reis Cunha

Faro, — Relatório apresentado em 1957.

Da Introdução deste valioso estudo técnico, feito não apenas para o acto final de um curso como também para alargar o conhecimento do clima do Algarve, julgamos oportuno transcrever as considerações formuladas pelo autor sobre a necessidade do repovoamento urgente da serra algarvia e da obra, felizmente já iniciada, do aproveitamento de vastas zonas de improdutivos sapais.

A' utilidade da divulgação de

RECORDANDO

UMA VILARREALENSE ILUSTRE

UM ataque violento da minha ciática — única recordação má, entre tantas boas, que me deixaram alguns anos de tro-

ANTERO NOBRE

pa —, imobilizando-me há semanas em casa, durante mais de quinze dias, deu-me azo a várias *incursões* (apenas tantas, quantas as dores me consentiram, evidentemente...) pelos meus velhos livros, que os afazeres profissionais normalmente me obrigam a deixar esquecidos e abandonados durante tempo sem conta. E numa dessas *incursões* caiu-me sob os olhos um volume, que há muitos anos, fez as minhas delícias de iniciado nas belezas e nos mistérios da poesia. Chama-se ele: *Glicínias*; e assina-o um nome de mulher: *Luthgarda de Caíres*.

Foi este o primeiro livro de versos que li, tinha apenas os meus doze anos de idade; encontrara-o numa das *incursões* que então fazia frequentemente, um pouco às escondidas porque sem-

pre em prejuízo dos estudos, pela estante bem recheada do escritório de meu Pai, velho apaixonado das belas-lettras e das coisas algarvias. E a impressão que me deixou foi tal, que ainda hoje, passados mais de trinta e cinco anos, sei de cór muitos dos seus

versos e toda a composição inicial, que dá o título ao volume. Posso afirmar, assim, que da sua leitura me ficou o gosto da poesia, que ainda agora em mim prevalece sobre o das outras artes; e se alguns versos *alinhabei* em mo-

(CONCLUI NA 12.ª PAGINA)



Poetisa LUTHGARDA DE CAIRES

TEATRO DE OUTROS TEMPOS

QUANDO há tempos inseri em «Diário do Alentejo» uma longa série de apontamentos, singela achega para um mais perfeito juízo do nosso teatro antigo, não fui muito profundo no que se refere à última metade do século XVIII e primeira metade do século XIX. Hoje, claro, não vou encher as lacunas que então deixei em aberto, não só porque para tão ambiciosa pretensão os elementos me faltam, mas também porque, sem os seus antecedentes de ligação, qualquer aditamento que agora se fizesse redundaria numa narrativa algo fastidiosa ao leitor.

Portanto, não iremos historiar

QUADRA

TU ME DISSESTE QUE NÃO, EU SARIA QUE MENTIAS, TU NÃO DISSESTE SENÃO, AQUILO QUE NÃO SENTIAS.

D. R.

o teatro, mas tão somente lembrar alguns factos acontecidos à beira dele; factos reais que tiveram o condão de agitar a sociedade de outros tempos.

Dantes a vida do teatro era o polo de convergência de toda a galantaria. O meio, mesmo nas grandes cidades como Lisboa e Porto, era excessivamente monótono e minado de preconceitos. A mulher, tida como anjo do lar, vivia num hermético recato. Deste modo quando no tablado do teatro do Bairro Alto ou do teatro da Rua dos Condes surgia uma prima dona de sorriso franco e olhar tentador, todo o paco burgo corria a vê-la, e todo o mundo janota se sentia enfeitado, a ponto de vender a alma ao diabo por mor dela. O burguez endinheirado, o fidalgo influente, o poeta melífico, um com dobras de ouro, outro com favores, outro ainda com odes e sonetos inflamados, jogavam com os dons que possuíam na roleta do amor.

Em regra as primas donas, preferiam o dinheiro. Por isso se conta que uma tal Izabel Gamarrá teve artes de «endoidecer de amor e ciúme, o terceiro Marquez

de Gouveia, já então adiantado em anos.» (1)

Outros cantarinos souberam juntar o útil ao agradável. Foi o caso da romana Petronilha Tra-

J. SILVA CARVALHO

bó Basilli que não hesitou em ferir de paixão el-rei D. João V e que, por dádivas deste e por dádivas de outros, se foi do reino «com uma bagagem de riquezas que ajoujavam trinta bestas de carga» (2).

O nosso rei magnânimo, quan-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

PONTE ROMANA EM TAVIRA

Encontra-se em reparação a ponte romana que atravessa a cidade de Tavira.

Dado que o trânsito por esta via é muito intenso, pretende-se alargar a ponte a fim de dar passagem a dois veículos.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso colaborador sr. José Esteyam, residente em Lisboa, que a convite do nosso prezado amigo sr. dr. António Drago, está a passar uma curta temporada, na sua propriedade em Vila Nova de Cacela.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Hugo Celorico Drago, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se na sua quinta de Cacela, o nosso prezado assinante sr. eng. Sebastião Ramirez, deputado da Nação.

Foi operado com bastante êxito, no hospital de S. Luis em Lisboa, o nosso estimado amigo sr. Diamantino M. Baltazar, que presentemente se encontra em franca convalescência.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o sr. Francisco Afonso, nosso prezado assinante nas Furnazinhas.

Acompanhado de sua esposa esteve nesta vila, tendo já regressado a Lisboa, onde reside, o nosso prezado amigo sr. Francisco Caraca Cipriano.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso estimado amigo e assinante em Faro, sr. Octávio Rafael Pinto.

Em digressão pelo Algarve, esteve nesta vila, o sr. Braz Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico.

Foi transferido da Secção de Finanças de Vila Real de Santo António para a de Faro, o aspirante sr. Valério Quintas Rodrigues.

Esteve nesta vila, o nosso prezado colaborador sr. Alvaro Duarte Gomes, residente em Algós.

Nascimento

Na sua residência em Vila Real de Santo António, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.^a D. Germana da Encarnação Serra Vargas Fernandes, esposa do sr. João Parreira Fernandes, nosso prezado assinante em Tavira.

EM POUÇAS PALAVRAS

CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA

cer o papel muito importante de agente educativo. E' na educação do nosso povo, no seu amor pelo trabalho, com justa retribuição dele, na sua dedicação até ao sacrifício pelo próximo que é nosso irmão, no carinho pela criança, no respeito pela mulher na veneração pelo velho que está a garantia segura de um futuro que seja mais próspero, menos pesado.

Vivendo na nossa casa de porta aberta aos que nela queiram entrar de boa vontade, respeito e coração limpo, podemos ser um povo feliz e respeitado.

Possu o «Notícias do Algarve» embora humilde, modesto sem estardear dissonantes gualhadadas de orgulho seguir esta trajectória e terá mais firmeza ainda a simpatia dos seus leitores e dos seus colaboradores entre cujas alas se conta o

Anacleto Pires

Assinal e propague «Notícias do Algarve»

MAIS UM ANIVERSÁRIO

Por ARNALDO MARTINS DE BRITO

O DIA 14 de Junho, é data de regosio para os que trabalham na redacção do «NOTÍCIAS DO ALGARVE». Cinco anos decorreram na sua vida; cinco anos de luta, em prol do nosso querido Algarve.

Situando os problemas com interesse; discutindo-os e apreciando-os com valor e respeito, os seus orientadores são dotados de alma bem regionalista.

Servindo com apuro o jornalismo algarvio, «NOTÍCIAS DO ALGARVE», significa um elo de ligação entre os filhos desta linda e prometedora Província, que espalhados pelas cinco partes do mundo, estão sempre ansiosos por receberem as novidades das suas saudosas cidades, vilas ou aldeias.

Projectando figuras e factos dos mais notáveis, decide incertezas, recreia espiritos.

Grças ao apoio sempre crescente que recebe das individualidades que nele colaboram, conquista prestigio e popularidade.

Trajectória feliz a deste periódico, que modestamente começou a sua actividade e moderadamente continuará o seu movimento progressivo, procurando grangear cada vez mais, a admiração de todos aqueles que desejam o bem do seu torrão natal.

São muitos, certamente, os obstáculos a vencer e grandes as dificuldades a enfrentar; mas, é assim; à custa de enorme sacrifício, que se consegue impor uma linha de conduta.

Na imparcialidade dos artigos a publicar, na honestidade dos processos de trabalho e na regularidade da sua tiragem, são as normas a seguir; predicados seguros para a boa disposição dos seus assinantes e garantia de longa existência.

Deve pois considerar-se satisfeito o «NOTÍCIAS DO ALGARVE», pelo caminho percorrido e pelo dever cumprido. Defendendo com dignidade o regionalismo e o turismo algarvios, contribuiu para o engrandecimento do nosso País.

Compartilhando através destas colunas, no relevante acontecimento, felicito o seu Director, sr. João Adelino Dias Pena, o seu dedicado Editor-Proprietário, sr. Armando Rocha Cruz e os seus ilustres colaboradores, os quais, com o melhor dos seus esforços, conseguiram, inteligentemente, que o «NOTÍCIAS DO ALGARVE» se tornasse credor de simpatia geral.

SARAU DE GINÁSTICA NO CLUBE Náutico

Conforme noticiámos noutra página, o Sarau de Ginástica que o Clube Náutico local, leva a efeito está a despertar grande entusiasmo, não só nesta vila como em toda a província, dado o seu programa variado e a boa apresentação dos ginastas.

Damos a seguir o programa do espectáculo:

- I — Apresentação das classes.
- II — Classe Infantil Mista: Diversos exercícios; Ginástica infantil.
- III — Classe de rapazes (15 a 17 anos): Ginástica educativa; Saltos primários de plinto.
- IV — Classe de senhoras: Ginástica educativa rítmica; Exercícios com maças indianas.
- V — Classe de homens: Ginástica especial; Exercícios de mãos livres.
- VI — Classe de homens (aplicada): Exercícios em paralelas.
- VII — Saltos de plinto.

Após a ginástica, realiza-se um grandioso baile, abrilhantado pelo excelente conjunto local «ARCO-IRIS».

Este numero do «Notícias do Algarve» é de 14 páginas e foi visado pela Comissão de Censura

FOI ADIADO o Concurso de Pesca EM TAVIRA

Por virtude do estado do tempo, foi adiado para data a fixar oportunamente, ainda dentro do corrente mês, o IV Grande Concurso de Pesca Desportiva de Barco, que devia ter-se realizado em Tavira no passado dia 10.

O ANIVERSÁRIO do «Notícias do Algarve»

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

pelas páginas em colunas negras e rectilíneas.

A par da sua acção regionalista não tem o «Notícias do Algarve», esquecido o campo cultural, publicando todas as semanas artigos de manifesto interesse literário, pois nem só de turismo e pescarias vive o homem! Ao entrar no 6.^o ano de periodicidade, o «Notícias do Algarve» agradece aos seus prezados assinantes, anunciantes e ilustres colaboradores, a sua grande colaboração na vida deste Jornal.

MONTE GORDO

Em virtude de se revestir de manifesto interesse e grande actualidade, foi transcrito do «Diário Ilustrado» o artigo em epigrafe, de autoria do nosso estimado colaborador e amigo sr. José Manuel Pereira.

Direcção do Distrito Escolar DE FARO

Informa a Direcção do Distrito Escolar de Faro que os exames do 2.^o grau, por determinação superior, iniciam-se em 8 de Julho e as propostas são entregues nas Delegações Escolares até ao dia 18 de Junho.

FALECIMENTO

Faleceu em Lisboa, tendo-se realizado o funeral para Portimão, onde ficou em jazigo de família, a sr.^a D. Maria da Conceição Vasco Nunes Leiria, de 60 anos de idade, natural de Portimão e viúva do sr. Dr. José Torcato Leiria que foi médico em Portimão.

A saudosa extinta era mãe do sr. João António Nunes Leiria, estudante de medicina, irmã do sr. Dr. José Vasco Nunes, médico em Vila Real de Santo António, cunhada das srs.^{as} D. Ilda das Dores Lopes Nunes, D. Maria da Luz Cabrita Leiria, D. Helena Cabrita Leiria Macedo e Brito casada com o sr. dr. Dario Macedo e Brito, e dos srs. João Cabrita Leiria e tia da menina Maria da Assunção Lopes Vasco Nunes.

A família enlutada, em especial ao nosso estimado amigo sr. dr. José Vasco Nunes, o «Notícias do Algarve», apresenta as suas condolências.

PROVINCIA

TAVIRA

Ponte Romana

Iniciaram-se há dia os trabalhos de reparação da velha Ponte Romana que atravessa a cidade e que se encontra com alguns arcos avariados e fendas nos alicerces. Bom seria que já que se mexeu na ponte se aproveitasse a ocasião para alargá-la e fôr de rolagem, visto que a mesma não está proporcionado para o trânsito actual e muitas das vezes dois veículos não podem passar ao mesmo tempo. Era um melhoramento importante e certamente poderia ser feito sem alterar as linhas arquitectónicas.

O Custo da Vida

Pelo Ministério da Economia foram publicadas declarações de que se manteve livre, até hoje, o preço de venda ao público da batata temporária. Imediatamente no Mercado Municipal desta cidade a batata — alimento de primeira necessidade e imprescindível — que se estava a vender a 1\$60 o quilo passou para 1\$80 e 2\$00.

Sem que se aunciase nova exportação, o vinho subiu mais \$20 em litro, a aguardente mais \$50 e o vinagre mais \$100.

A fruta está pelos olhos da cara: Laranjas a 6\$00 o quilo, figos lampós a 3\$00 a dúzia e albricoques a 20\$00 o cento.

Não faz sentido estes aumentos.

Mercado Municipal

Continuam as obras de reparação deste mercado, louvável iniciativa da Câmara a todos os títulos muito justa. Depois de se construírem novas toldas em cimento, substituindo as velhas antiquadas em madeira, estão a proceder à reparação do pavimento e esgotos, que já se encontravam em miserável estado. Sinceramente aplaudimos estes melhoramentos que Câmara concede a Tavira.

Concerto Musical

No aprazível Jardim Municipal, deu na noite de 1 do Corrente, o primeiro concerto da época de verão a Banda de Tavira, já reorganizada e sob a regência do sr. Sebastião Baptista Leiria, taviense que à arte musical tem dado o melhor do seu esforço. O concerto agradou imenso, tendo sido muito aplaudido aquele nosso amigo pelo número público que assistiu ao mesmo. Daqui auguramos muitos êxitos e igualmente façamos votos para que todos cooperem na manutenção da Banda,

pois só assim haverá a esperar bons resultados. — e

LUZ DE TAVIRA

No passado dia 30 de Maio, efectuou-se na Casa do Povo desta freguesia, uma reunião dos dirigentes do referido organismo com os srs. Drs. Eduardo Frando Ferreira e Fernando de Almeida Reado, respectivamente Inspectores Chefes da Previdência e dos Serviços Médicos-Sociais, representantes da Comissão Coordenadora dos Serviços Médicos das Casas do Povo e da Previdência, que eram acompanhados do Senhor Dr. António Teixeira Marques Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em Faro, para celebração de um contrato entre a Casa do Povo e a Federação das Caixas de Previdência, com o fim dos beneficiários daquela Federação residentes na freguesia, serem assistidos na Casa do Povo.

Notícias Pessoais

De visita a seus avós e mais família, encontra-se nesta freguesia o nosso conterrâneo Sr. Eduardo Entrudo Graça, que com seus pais e irmão há 8 anos residem no Brasil. — e.

CINE-CLUBE

O Cine-Clube desta Vila realiza a sua 54.^a sessão no próximo dia 20 do corrente, no Cine-Foz, com o belo filme «O Sol Nasce para Todos» de John Ford.

António Gomes Gonçalves

Rua 5 de Outubro-CASTRO MARIM

Telefone: 2

Sucursal: Avenida da República, 73

Rua Teófilo Braga, 109-111-113

Telefone: 89

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO VINHOS DA REGIÃO

ÚLTIMA HORA ESCOLA TÉCNICA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

E' com inteira satisfação que damos conhecimento aos nossos leitores, que a Secretaria da Câmara Municipal, chegaram ontem as instruções respeitantes às matrículas e exames de admissão ao ingresso nesta Escola que vai ser criada, por decreto, dentro de poucos dias.

No próximo número, publicaremos todos os esclarecimentos que constarão de aviso, elucidando pormenorizadamente os interessados.

CINE-FOZ

Hoje, apresenta um dos melhores filmes ingleses, A BELA ESTRANHA, com Ginger Rogers e Jacques Bergerac.

Uma história de amor e de ódio, que nos mostra as loucuras que um homem pode cometer com a cólera do clime, enquanto outro corre a salvar a mulher que ama.

Terça-feira, 17, o maravilhoso filme português FADO, com Amália Rodrigues e Virgílio Teixeira.

A história apaixonante de uma rapariga do povo que sonha subir e vencer.

Quinta-feira, 19 em cinemascopo O VESTIDO ESFARRAPADO, com Jeff Chandler e Jeanne Crain.

DRAGAGEM DA BARRA DO GUADIANA

Começou no passado dia 11 do corrente o desassoreamento da barra pelos serviços de dragagem da Empresa da Mina S. Domingos.

Estes trabalhos impunham-se pois nos últimos tempos as traineiras tinham dificuldade em entrar na vaseante com o peixe para a nossa lota.

Agradece-se às entidades que contribuíram para que a dragagem iniciasse este ano mais cedo.

Arménio Cardoso & Filhos, L.^{da}

Fabricante de conservas de peixe em salmoura com secção de filetagem

Anchova da acreditada marca «AREMANY»

TELEFONE 119

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 29 de Maio a 11 de Junho: TRAIINEIRAS

Leste	122.410\$00
Raulito	41.910\$00
Tufão	31.100\$00
Agadão	22.575\$00
Infante	18.135\$00
Triunfante	16.430\$00
Sr. ^a da Encarnação	13.970\$00
Brisa	13.470\$00
Refrega	12.138\$00
Ramira	9.630\$00
Praia do Vau	9.065\$00
Norte	8.830\$00
N. ^a Sr. ^a da Piedade	7.740\$00
Vulcão	7.735\$00
Maria Rosa	7.335\$00
Amazona	7.280\$00
Liberta	7.090\$00
Janita	6.715\$00
Dens te guarde	6.140\$00
Conceicanita	5.445\$00
Cata Vento	4.225\$00
Estrela do Sul	3.935\$00
Tozé	3.735\$00
Tóluís	3.250\$00
Audaz	3.130\$00
Sul	2.760\$00
Mirita	2.595\$00
Flor do Sul	2.280\$00
Farihão	2.100\$00
Pérola do Guadiana	1.610\$00
Nídia	600\$00
Cine	570\$00
Novo Machado	420\$00
Oeste	310\$00
Total	406.633\$00

Atum da Costa Algarvia

CABO DE SANTA MARIA	1.467 atuns e 544 atuarros, 19 Albascoras e 27 cachorretas	1.636.473\$50
MEDO DAS CASCAS	198 atuns, 78 atuarros e 15 Albascoras	207.236\$80
BARRIL	147 atuns, 43 atuarros e 9 albascoras	149.808\$60
ABÓBORA	71 atuns, 5 atuarros e 6 albascoras	88.005\$50
LIVRAMENTO	54 atuns, 50 atuarros e 1 albacora	74.963\$30
Total		2.156.497\$70

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Junho

Entrados:	MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.
STELLA, Alemão, de 1.706 ton., com folha de flandres, de Antuérpia.	
MARI GALANTE, Marroquino, de 35 ton., de Larache com atum fresco.	
ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Casablanca, com carga em trânsito.	
MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, de 110 ton., de Tanger com atum.	
JOLOT, de 119 ton., e TRÊS CEPAS, de 45 ton., ambos Marroquinos, com atum de Larache.	
L'ORQUE, de 72 ton., e LE THON, de 55 ton., ambos Marroquinos, de Kenitra com atum.	
MARIA CHRISTINA, Português, de 546 ton., de Lisboa vazio.	
MARIALUISA, Italiano, de 495 ton., de Olhão, com carga em trânsito.	
TERCEIRENSE, Português, de 1295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.	
JOLOT, de 119 ton., e TRÊS CEPAS, de 45 ton., ambos Marroquinos, de Larache com atum.	
MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.	
MARIA CHRISTINA, de 549 ton., e MIRA TERRA, de 562 ton., ambos Portugueses, de Lisboa vazio.	
TRÊS CEPAS, Marroquino, de 45 ton., de Larache com atum.	

Saídos:	STELLA, para Huelva, com carga em trânsito.
MARQUEZ DE LA VIESCA, para Tanger, vazio.	
ARBEDO, com conservas para Genova.	
MIRA TERRA, com minério para Lisboa.	
MARI GALANTE, para Larache, vazio.	
JOLOT, e LE THON, para Kenitra, vazio.	
MARIALUISA, para Savona, com conservas.	
MARIA CHRISTINA, com minério para Lisboa.	
MADALENA, com sal para Funchal.	
MARIA CHRISTINA, com enxófre para Lisboa.	
MIRA TERRA, com minério para Lisboa.	
TRÊS CEPAS, para Larache vazio.	

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 14 a 20 de Junho a Farmácia, CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone, 31.

GRUPOS DE REGA das marcas CLYTON LISTER KOLLER VILBIERS WISCONSIN

MOTORES BUCK BOLINDERS GATERPIBLAR LISTER

Antes de comprar consulte a AGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Telefone 76

Primeira

na preferência...

a

Pensão Policarpo

é a única que, em Évora, dispõe de uma bela esplanada com esplêndidas vistas para campo, onde durante a época calmosa, são servidas as refeições.

Visite a **PENSÃO POLICARPO** na Freiria de Baixo, ou marque a sua refeição pelo telefone 22424.

Depois dirá como todos dizem, que os preços são módicos, a cozinha é esplêndida e se come bem!

BALANÇAS

Centesimais e Decimais, as melhores

Máxima precisão Excelente apresentação

As balanças que marcam rigorosamente o peso legal

Esmerado fabrico Nacional da afamada firma

SIMÃO VAZ & C.^a

Fábrica de Balanças

CELEIROZ — BRAGA

Agente-Rua da Liberdade, 56

TAVIRA

Teatro de outros tempos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do foi vítima dos ternos olhos da Petronilha rondava pelos 50 anos. Como a saúde já não era próspera, pode inferir-se daí que a formosa prima dona lhe abreviou os dias neste vale de lágrimas. Esta versão tem fundamento histórico. Dela faz eco o escritor Francisco Cancio (2) escrevendo:

«A mocidade do rei já ia longe e ele buscou nas cantaridas o desejado rejuvenescimento. O facto provocou-lhe o primeiro ataque. Esqueceu então as mulheres e voltou-se inteiramente para Deus...

... Mas mal se apanhou melhor voltaram as suadades da Petronilha. Pretendeu ir visitá-la, mas no sentido de lhe evitar uma loucura que lhe poderia ser fatal, convenceram-no a ir às Caldas da Rainha, e à actriz em grande segredo e com pressa, mandaram-na para Espanha, com uma rédua de 30 mulas guisalheiras carregadas de prata».

A referência às 30 mulas volta aqui a repetir-se. Parece ser facto indiscutível, acontecido no ano de 1742. O rei magnânimo poucos anos sobreviveu a esta aventura que mereceu lugar de honra nos anais do teatro.

O reinado de D. José foi uma época teatralmente movimentada e assinalável por muitas paixões violentas. Por virtude de ciúmes, gerados à volta duma certa actriz, conhecida por Chica Esteireira, o sexto conde de S. Vicente mandou matar o seu rival José Leonardo Teixeira Homem. Porém, este caso, aparte o seu epílogo trágico, não teve socialmente o estrondo do caso Zamperini.

Ana Zamperini, famosa cantora italiana, que abordou em 1770 pela R. dos Condes, vinda de Inglaterra, foi, no dizer da gente da época, o maior terramoto que andou Lisboa, depois do de 1755. Assim escrevia um poeta anónimo seu contemporâneo:

Zamperini cantora, que do norte C'os anos dar vieste a Portugal S'omente por teu bem, e por seu [mal, E' que o fado te trouxe a esta [Corte

Aos mylords de lá deste um bom [corte Vens muito ufana cá dar outro [igual; Depois dum terramoto tão fatal Só faltava esta peste que é mais [forte.

Um outro poeta, porventura despeitado dos despresos da cantora (ela só era sensível ao ouro), ajuntava:

Fugi, fugi, mortaes dessa serpente Que o veneno nocivo oculto en- [cerra; Dirás, caro Dorindo, a toda a gente: Que se acaso mudar de sítio ou [terra

Também publicarei impaciente Que Zamparine é Peste, Fome e [Guerra.

Estes versos, e muitos, muitos outros que Alberto Pimental encontrou na Torre do Tombo e num códice da Biblioteca Nacional (3) são comprovativos de que a famosa prima-dona deu origem ou pelo menos atizou uma famosa guerra de poetas. Havia os aduladores e os difamadores. A frente dos primeiros o padre Manuel de Macedo a todos excedia, tornando-se notável uma sua óde, na qual declara não bastar à «famosa Zamperini» o nome de «divina» (sic) para em seguida acrescentar:

Apareces! No rosto De cada um se observa difundido Não sei que estranho gosto! Tu só, tu tens o aplauso conse- [guido—

De sempre desejada: Retiras-te da cena, a cena é nada.

A margem de todo este entrecruzar de ditos e mexericos, e num outro plano, quiçá mais realista, batiam-se os argenteiros malbaratando dobras de ouro. Este facto levou um outro poeta a escrever:

Essa que tens, Lisboa, sublimada E com obsequios mil engrandecida E' Zamperini, já bem conhecida Em ave de rapina transformada

Oh Lisboa acautela-te e adverte Que essa esfinge cruel, com vil [insania O próprio sangue teu há-de be- [ber-te

Por este tempo, apesar dos conselhos que os Yates populares faziam correr, já o Conde de Oeiras, filho do poderoso Marquês de Pombal, se achava perdido de amores pela «esfinge cruel».

Mercê da acção do louco namorado (que actuava com desconhecimento do pai mas servindo-se do terror que ele infundia) alguns capitalistas constituíram uma sociedade para explorar em monopólio os teatros do Bairro Alto e Rua dos Condes, o primeiro destinado a comédias e o segundo a opera italiana. O alvará régeio de 1771, que consagrou estas disposições, continha além disso doutrina em contrário da fixada pela igreja em desabono dos comediantes. Por este diploma a arte do palco não era degradante para ninguém.

Desta maneira o louco apaixonado Conde de Oeiras reabilitou a sua amante e conseguiu os fundos necessários para manter a companhia onde ela era estrela de primeira grandeza. Só em 1774, isto é, três anos depois, é que o Marquês de Pombal se apercebeu do logro, mandando pôr na frente, carregada de ouro, a famosa deidade que quase arruinara seu filho.

Depois destes sucessos, e do escândalo que eles levantaram, a Igreja procurou ganhar o terreno que tinha perdido, abrindo feroz campanha contra os usos e costumes, fazendo mesmo imprimir em 1781 um livro largamente difundido (4) onde se contém um capítulo condenatório das práticas teatrais. A reacção exacerbou-se de tal modo que, através dum decreto de D. Maria I, foram proibidas as mulheres de representar em palcos portugueses. Desta forma abriu-se uma longa trégua aos platonismos, ao mesmo tempo se vibrou rude golpe nas nossas artes dramáticas. Os papéis femininos passaram a ser feitos por homens, em geral por Vitorino José Leite e pelo actor João Inácio.

O inglês Beckford que assistiu a um destes espectáculos no teatro do Salitre, contou numa das suas cartas (5) que se divertiu

imensamente durante quatro horas, acrescentando:

«Um jovem de andar incerto e olhar turco, trajando o mais pesado luto, guinchou e roncou alternadamente o papel duma princesa viuva. Outro adolescente, mal seguro nos seus sapatos de tações altas, representava sua magestade igipcia, e garganteou duas árias com toda a nauseabunda suavidade dum aflautado falsete».

Muitos anos durou este estado de coisas. Mas depois de construídos os teatros de S. Carlos e do Salitre, o empresário Paula conseguiu formar uma companhia com duas actrizes. Daí por diante as mulheres voltaram a representar e, de novo, o pacato burgo passou a viver horas felizes, revendo-se nos acontecimentos à luz da ribalta, deixando-se apaixonar pelas artistas em voga e cometendo leviandades por via delas.

Um dos episódios mais curiosos de que se guarda memória, o correu no primeiro quartel do século passado, e resultou da rivalidade existente entre Maria Toledo, então a mais consagrada artista portuguesa, e Maria Inácia da Luz que aspirava suplantar aquela. Ambas eram novas e, segundo rezam as crónicas, ambas eram fascinantes de cocoterie. A primeira conseguiu atrair aos seus encantos António Xavier Ferreira de Azevedo, que deixou nome de insigne escritor dramático, enquanto a segunda teve artes de enfeitar o desbragado padre José Agostinho de Macedo, poeta distinto que, por via desse amor, tentou sem êxito algumas peças de teatro.

A rivalidade entre as duas comediantes, motivou violenta guerra entre os seus namorados. «José Agostinho — diz-nos Carlos Olavo (6) — resolveu arrastar com a opinião de todos e impor a supremacia da sua dama cômica, pelo tumulto, pela violência, pela verrina, pelo descrédito dos seus adversários».

A guerra rebentou com as «Cartas de Manuel Mendes Fogaça» onde Xavier era barbaramente zurzido. Em resposta, Xavier pôs em cena a comédia «O mau amigo» onde o padre aparecia fielmente retratado em todos os seus vícios e liberalidades. O escândalo foi tão grande e o sucesso tão retumbante, que José Agostinho apresentou queixa na polícia e redobrou de esforços para impor a supremacia da sua dama, descendo mesmo ao ponto de redigir uma ode — «paródia ao elogio de Mariana Torres» — onde a aplaudida actriz é rebaixada ao nível das mulheres da viela. Os versos tresandando obscenidades dificilmente podem ser transcritos!

Com o advento do romantismo estes excessos moderaram-se, mas as lutas, embora noutro plano, não deixaram nunca de se travar nas plateias, sempre divididas quando havia duas primas-donas a aplaudir. Em 26 de Julho de 1840, na opera de S. Carlos, os adeptos de Luisa Bocabadati distinguiram com uma violenta pateada a cantora Catarina Barilli. Os apaixonados desta reagiram, iniciando-se então violentos tumultos, que degeneraram depois em guerra de jornais: Os «barillistas» atacavam em «O Entre-Acto»; os «bocabadistas» na «Revista Teatral» e na «Sentinela do Palco». Esta peleja arrastou-se durante meses e... deu origem a novo tumulto em S. Carlos, na noite de 15 de Fevereiro de 1841. Estas desordens eram vulgares tanto em Lisboa como no Porto. A mocidade fazia gala nisso.

No ano de 1849 ficaram célebres no Porto as rixas travadas entre os adeptos de Clara Beloni e da famosa Dabedelle. Camilo era belonista e largamente se refere a estes factos em alguns dos

seus livros. Eu já tratei o assunto detalhadamente nas páginas do «Diário do Alentejo».

As plateias do Porto eram ainda mais ferozes que as de Lisboa. Em 1851, após uma estrondosa pateada, a cantora Luisa Abadia faleceu com um ataque de coração. Numa carta, datada de 1858, dizia Camilo a um amigo: Fui ao teatro, e vendo um actor péssimo fiz lá desordem (7).

Camilo Castelo Branco foi um dos mais perfeitos desordeiros do seu tempo. Sobre ele conta-nos Alberto Pimentel (8):

«Os actores temiam-no... Estavam ainda muito frescas na memória dos portuenses as famosas rixas do teatro de S. João em 1849, entre os dois partidos da Clara Beloni e da Dabedelle, pugnas líricas em que Camilo figurou de caudilho belonista, como anos depois fora da facção da Laura Geordano contra, a Luisa Ponte, e em que as hostilidades explodiam em pugilatos dentro do teatro e fora do teatro, na estalagem da Ponte da Pedra».

«A plateia do S. João, dominada por uma estouvada mocidade de sangue brigoso; transformava-se frequentes vezes em arena de lutadores. Camilo sempre na vanguarda. Com o seu formidável castete partiu ele certa noite um braço ao barítono Garin, que tinha levantado a mão para José Barbosa e Silva». Estes hábitos belicosos, levantados em louvor dos olhos bonitos nas primas-donas, mantiveram-se muitos anos. Para terminar, porque o artigo vai demasiado longo, vou transcrever para aqui o testemunho de Silva Pinto, que nos pinta ao vivo o epílogo duma pateada com que a plateia do teatro da Trindade do Porto, brindou no ano de 1874 certa artista a quem Barnabé Pinto Xavier, famoso brigão portuense, arrastava a asa.

Diz-nos Silva Pinto (9): «... O Barnabé veio pela plateia fora, distribuindo bofetões medonhos, e esborrachando narizes conspícuos; vinha de olho em mim; cheguei; deitou-me a mão, sacudiu-me com vigor e disse-me: — O que lhe vale a você é o seu nome de jornalista; senão desfazia-o!... Como quer que me sentisse arremessado a qua-ro ou cinco passos de distância, tirei da algibeira um revolver apontei-o à cabeça do Barnabé e...»

O resto é da crónica da época. Gritos de pavor, como os daquela noite, nunca os ouviram antes, nem depois, os meus ouvidos de pecador... Desmaiaram senhoras; homens tropeçavam na fuga; berrava-se: Assassino! A guarda municipal retrocedia espavorida pelo correr da plateia...»

Era assim o Porto, no ano da graça de 1874. Mas... Lisboa não se lhe ficava muito atrás. Outros tempos! Outras maneiras de sentir e viver o teatro!

- (1) — Alberto Pimentel — Zamperineida, p. 6.
- (2) — Francisco Cancio — Arquivo Alfacinha, Vol. I, cad.º I.
- (3) — Reproduzidos em Alberto Pimentel, ob. cit.
- (4) — Anónimo — Retiro espiritual que contém vários reflexões cristãs.
- (5) — Francisco Cancio — ob. cit. Vol. I, cad.º XII.
- (6) — Carlos Olavo — A vida turbulenta do padre José Agostinho de Macedo.
- (7) — Alberto Pimentel — Os amores de Camilo, p. 50, 51.
- (8) — Silva Pinto — A queimar cartuchos, p. 109.

J. Silva Carvalho

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



SERVICÓ AGRONÓMICO DO NITRATO DA NORUEGA
LARGO DE ANDALUZ, 15 — TELEF. 731869 — LISBOA

Representante:

Importador:

SOCIEDADE PERMUTADORA, S. R. L. SOC. COMERCIAL DE FERTILIZANTES, S. R. L.

Av. da Liberdade, 190

Rua Augusta, 118

LISBOA

LISBOA

Tele gramas: SULQUIMICOS
fones 21 e 124

Apartado 17

Empresa do Sul de Produtos Químicos, Limitada

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS E PERFUMARIAS

F A R O

DROGARIA

ARMAZÉM

R. Filipe Alistão, 8 a 14-A

R. Pinheiro Chagas, 22 a 26



SURDOS

O INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS tem o prazer de anunciar os novos ÓCULOS AUDITIVOS TRANSISTORS de uma só pinha modelo único no Mundo.

Ao mesmo tempo tem também o prazer de anunciar a nova colecção para 1958 cujos modelos são de 1, 2, 3, 4 e 5 TRANSISTORS, destacando-se o mais pequeno aparelho do Mundo cujo tamanho é o de um selo de correio, não necessitando do fio pendente. No vosso próprio interesse consultem o Agente Geral INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS, Largo do Mastro, 29, 2.º — Lisboa — Telefone 53954

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM COIMBRA
na Tabacaria Ilda & C.ª Ed.
L. da Portagem, 55

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM LEIRIA
na Papelaria VITAL



DUAS PALAVRAS

MAIS um ano passa sobre este «Notícias do Algarve», um mais a juntar aos muitos transactos que traduz, afinal, a continuidade da luta e da canseira por que têm passado os que nele trabalham devotadamente encobertos na cortina do anonimato e desse punhado de homens de boa vontade que souberam até aqui resistir aos temporais dos janeiros da Vida, conduzindo a bom porto este barco frágil que todas as semanas vai ancorar na caixa do correio dos que lhe continuam fiéis.

Não vamos analisar se conseguimos isto ou aquilo se somos mais se menos; isso ficará ao critério dos que se regosijam em espelhar a missão de todos nós. Todavia, acreditamos, o nosso semanário poderia ser melhor — mas já que não o é ficaremos com a esperança de o conseguir, sem fantasias, nem alardes, nem baixezas, porque nem sempre os nomes garrafaís são sinónimo de sabedoria.

Nesta tarefa difícil e inglória aqui desenrolada, cujo campo de batalha está por de mais pejado de jornais

e jornalecos e de angariadores de publicidade, estes, muitos deles, sem escrúpulos, que seguem na peugada do que primeiro abriu o caminho, amesquinhando-o e deturpando-o nas barbas do anunciante ou facultando-lhe preços irrisórios —, tem-se posto ardor e coragem e muito sacrifício, para que este «Notícias do Algarve» não seja um simples jornal de pendurar na parede ou que se limite sómente à sua terra! E, por tudo isto, talvez seja esta a lança com que mãos perfidas a utilizem — jornal local — enquanto os demais percorrem todo o País e sejam já acreditados em todo o mundo! E' uma oca e falsa expansão que só o anunciante ignorante, acreditará, porque os que compreendem a sinceridade e a livre vontade de agradar esses sabem separar o trigo do joio!

Afirmar que neste momento o nosso semanário está percorrendo todas as cidades, vilas e aldeias deste nosso querido Portugal, seria mascarar e esconder a verdade no Cavallo de Troia; e aqueles que nos espreitam de lingua perversa pronta a sair da boca corrupta, rir-se-iam da nossa ingenuidade — mas o Leitor pode acreditar que o «seu» jornal, acabado de sair e ufano do seu 6.º aniversário, percorre, na verdade, muitas terras longínquas, terras aonde residem algarvios amigos e que nos falam da sua projecção com palavras estimulantes. E não será descabido dizer que outros seguirão na nossa peugada lançando a confusão ou colhendo o fruto das nossas sementes...

Contudo, isso pouco nos preocupa; somos superiores a tais ninharias ou a tão torpes processos de trabalho — porque um dia virá em que tudo será varrido e vendido na feira das desilusões!

Estas duas palavras que intimamente pensáramos abreviar, tomaram, todavia, uma feição diferente da que tínhamos traçado. São elas dedicadas aos que permanecem junto de nós, como muitos Srs. Anunciantes amigos dedicados, nesta data festiva, e, igualmente, para aqueles Colaboradores que responderam presente nesta chamada humilde de todos quantos trabalham para um «Notícias do Algarve» melhor!

Para todos, estas simples e singelas palavras:
— MUITO OBRIGADO!

Emílio Valongo

RAFAEL ALMEIDA SANTOS
RUA DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA
TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO PARA
AUTOMÓVEIS,
EXAMES E
TROCA DE CARTAS MILITARES. INFORMAÇÕES GRATUITAS
AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS.



AREEIRO — Lisboa moderna e galante, onde a luz é mais clara e o sol brinca com os vidros das janelas...

3.º POEMA DA CIDADE TURISMO

Cidade de exactamente sete colinas e meia muito limpa por fora muito hospitaleira cidade bilhete postal colorido para turistas cidade de gente pacífica muito ordeira cidade confusamente poliglota no aeroporto comercialmente muito às ordens de madame ou parle français english spoken tudo aprendido apenas em 60 lições.

Os turistas tiram fotografias visitam os Jerónimos e a Torre de Belém e acham tudo magnífique beautiful vão ao fado e não entendem mesmo nada mas dizem três sentimental very romantic os marinheiros americanos bebem port wine e compram numa esquina 55 quilos de amor.

No fim todos levam muitas recordações
MENDES DE CARVALHO

MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS GRÁFICAS POLÓNIO BASTO & C.ª

Sede: PORTO

Repres. em LISBOA

Trav. São-Carlos, 41 — Telef. 24478 Av. Elias Garcia, 112
Rua Santa Teresa, 2 — 28724 Telef. 74126

DESDE 1923, SEMPRE A BEM SERVIR
AS ARTES DE IMPRIMIR

HERNIADOS

OPERA COMO
AS MÃOS SOBRE
O BAIXO VENTRE

MODELO EXCLUSIVO

DO
INSTITUTO
HERNIÁRIO PORTUGUÊS

LARGO DO MASTRO, 29, 2.º
SALAS-A-ELEVADOR
(AO CAMPO DE SANT'ANA)
TELEF. 53954-LISBOA

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO
PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS
VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76 - A
LISBOA TELEF. 51695



JOGOS DE SEGMENTOS COM LAMINAS E MOLAS DEVES

Estes são os famosos segmentos fabricados com o Inigualável aço Sueco, o melhor entre os melhores

Accessórios para automóveis e sobreelentes, Stock de pneus e câmaras de ar. Material eléctrico e para vulcanizadores

Representante para Portugal Continental e Ultramarino:

F. PEREIRA HERDEIROS, LDA.

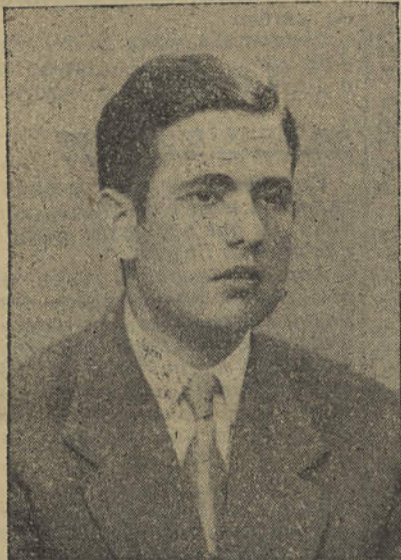
(Casa fundada em 1907)

16, 1.º Esq., RUA DA CONCEIÇÃO DA GLÓRIA, 24 = TELEF. 29763 = LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A VOZ E A TERRA

poemas de Francisco Cota



Francisco Cota

FRANCISCO Cota, um jovem poeta eborense e um jovem jornalista. Com vasta colaboração dispersa por jornais portugueses e estrangeiros, dissertando sobre os mais diversos temas, Francisco Cota estreou-se agora como poeta no livro A VOZ E A TERRA, composto e impresso na Litografia Aviz, do Porto, com um prefácio do erudito homem de letras, Pedro Homem de Mello.

Embora se note que os seus versos não tenham ainda atingido a maturidade, o A. revela-nos uma força de vontade que acabará por vencer, com a

continuidade da sua produção poética.

Neste livro, que é inteiramente dedicado a sua Mãe, o poeta canta em muitos versos o seu Alentejo, a sua terra saudosa, que traz sempre presa no seu coração.

Gostamos do poema inicial: Mãe, este poema é teu:

*Ainda tenho
junto a mim
o teu amor
o calor
do teu abraço
a ternura
o refúgio
do teu regaço.*

*Ainda tenho na memória
bem presente a derrocada.
E a cruzada
empreendida
e a vitória
bem merecida.*

Creio ainda nos teus contos quando terna me embalavas: e aquele do barco e o do frade eram sempre o marco do meu sono sem cuidados, — cuidados que eram só meus.

E também deste outro, em que o amor para ele, é apenas, agora, uma recordação eterna: *Ainda as tenho:*

INAUGURAÇÕES E REALIZAÇÕES

DE Norte a Sul, como é costume no período festivo da passagem do aniversário do 28 de Maio, diversas inaugurações foram presididas por membros do Governo que in loco tiveram ensejo de observar como se executam concretamente as determinações estatutivas de carácter particular de interesse público.

Assim, em Lisboa, o Sr. Prof. Eng.º Leite e Pinto, Ministro da Educação, inaugurou na Faculdade de Medicina de Lisboa um laboratório de Microscopia Electrónica e um Museu de Angiografia Cerebral que a partir de agora passam a enriquecer aquele notável estabelecimento de investigações e ensino.

Laboratório de Microscopia Electrónica, denominada «Calouste Gulbenkian»

em homenagem ao grande benemérito criador da Fundação, que tantos actos humanitários tem tornado possíveis em Portugal, é um dos melhores da Europa cabendo-lhe a responsabilidade de demonstrar que não se traíram as boas vontades e generosidades que para ele contribuíram.

Na sua instalação investiu aquela Fundação 1.300 contos, oferecendo, ainda, durante 3 anos, uma verba anual de 150 contos para o seu funcionamento.

O microscópio electrónico, com uma potência directa de 30.000 ampliações, que depois, por processos fotográficos, pode dar uma imagem 100.000 vezes maior do que o objecto, supera tudo o que até agora existiu entre nós, pois os melhores microscópios fabricados até agora, não

electrónicos, ampliavam no máximo 1.200 vezes o objecto observado.

O Museu de Angiografia é outro grande melhoramento ao serviço de investigação científica e nele se perpetuará a memória do Prémio Nobel da Medicina portuguesa, Prof. Dr. Egas Moniz e de outros sábios que entre nós se têm e irão dedicando a neurologia.

Em Almada e no Seixal, o Subsecretário de Estado da Agricultura inaugurou algumas realizações de grande interesse para a lavoura: no Monte de Caparica três armazéns destinados à recolha de adubos e alfaias agrícolas, na maioria motorizada, bem como beneficiação de forragens trituradas; e no Seixal, a Casa da Lavoura de Almada e do Seixal, com um lagar de azeite, posto de recepção de leite e um amplo salão de festas e conferências para estreito convívio dos trabalhadores locais.

Em Mafra, o Sr. Dr. Ulisses Cortês, Ministro da Economia, presidiu à inauguração da sede da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite, construída por aquela colectividade com uma comparticipação do Estado. Os 3.300 produtores filiados, na sua quase totalidade, estiveram nesse momento a associar-se ao acto festivo, tendo o Ministro acentuado que ia conceder a Mafra as comparticipações pedidas para a electrificação e dirigindo-se aos milhares de pessoas que o saudavam, pediu que o acompanhassem numa ca-

lorosa homenagem a Salazar e a Portugal. Endereçando aquela homenagem ao Presidente do Concelho, ergueu-lhe um «viva», que foi entusiasticamente correspondido.

No Algarve, o Sr. Conselheiro Pires da Cruz inaugurou os edifícios de assistência social polivalente em Olhão e Loulé, tendo em nome do Sr. Ministro do Interior inaugurado o Palácio da Junta de Província do Algarve, o Sr. Dr. Agostinho Dias.

O edifício de assistência de Olhão custou 1.500 contos e para ele muito contribuiu a benemerência particular, tendo o Sr. José dos Santos Rufino contribuído com o primeiro donativo, no montante de 50 contos. O edifício de Loulé teve igualmente o auxílio precioso de particulares que como a Prof.ª Sr.ª D. Silvana Mendonça Boniche, só a sua parte contribuiu com 100 contos.

Esta senhora condecorada com o grau de cavaleiro da Ordem de Benemerência alugou ainda em Loulé uma propriedade por 400 contos para outras obras de beneficiação.

Aljezur, Lagos, Portimão, Tavira e Vila Real de Santo António verão em breve também obras identicas de assistência polivalente.

Também em Braga o Sr. Ministro do Interior inaugurou um bairro de 50 casas, no qual se despenderam 13.500 contos, cabendo à Misericórdia 8.000.

Visado pela Comissão de Censura

*Não deites fora as flores
que me mandaste.*

*Fruto do nosso amor
espírito tão meu
como teu.*

*O amor fez de mim
e de ti
uma unidade
que se desfez.*

E lá para o fim do livro não nos pode deixar despercebida a *Canção descolorida*:

*Já não tenho aguarelas
nem pincéis
nem telas.*

*Flores
não as há
os campos não as têm*

Ao terminarmos este breve apontamento, felicitamos Francisco Cota, de quem ficamos aguardando novas produções poéticas.

S. Miguel, 1958

*Flores que mandaste
que perfumaram
lágrimas que chorei
até que murcharam...*

*Mas que não deites fora.
Por ti amor
quase evocado, embora
ainda em mim,
esse perfume chora.*

nem eu sei delas.

*Só uma canção dura
descolorida
a sangrar
na minha vida
perdura.*

Marla Leonilde

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

DESDE 1891 OS ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS MAIS COMPLETOS DO SUL DO PAÍS

67 ANOS AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS GARANTEM A PERFEIÇÃO E ESMERO DOS NOSSOS SERVIÇOS GRÁFICOS

ROTULAGEM

ENVOLTÓRIOS PARA CONSERVAS • RÔTULOS PARA GARRAFÕES • GARRAFAS, EM CORES BRILHANTES

TIPO EXCLUSIVO

CARTONAGEM

CAIXAS PARA CONSERVAS, EM CORES INTENSAS DE GRANDE APRESENTAÇÃO NO MERCADO ESTRANGEIRO; CAIXAS PARA GELADOS • BOLOS • ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS • QUEIJOS, ETC. CARTAZES PARA BALCÕES E SECRETARIAS EM TINTAS FOSFORESCENTES.

JORNALIS

DOIS MAGNÍFICOS SEMANARIOS QUE SE IMPÕEM PELO SEU VISTOSO ASPECTO GRÁFICO:

Noticias do Algarve



IMPRESSOS

FORNECEDORES DAS MAIS IMPORTANTES FIRMAS DO SUL DO PAÍS, EM = CARTAS — ENVELOPES — FACTURAS — MAPAS — RELATORIOS — ESTATUTOS — CIRCULARES

PARA TODOS OS SERVIÇOS GRÁFICOS CONSULTEM A:

TIPOGRAFIA SOCORRO

APARTADO 3 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 59

MONTE GORDO

UMA DAS MAIS BELAS PRAIAS DO PAÍS CARECE DE HOTÉIS QUE A VALORIZEM

O VELHO Monte de Ouro, que já em 1500 proporcionava abundância aos cinco ou seis milhares de pescadores que o habitavam, modificou-se bastante no nome e na fisionomia, embora a pesca, hoje menos rendosa, continue sendo a razão principal da sua existência e nos seus subúrbios, no «Sultão» ou nos «Mouros Bravos», ainda se encontram algumas barracas de colmo, de pobre e inestético aspecto, porventura iguais às utilizadas há quinhentos anos, à espera que um prometido bairro de pescadores lhes dê o golpe de misericórdia.

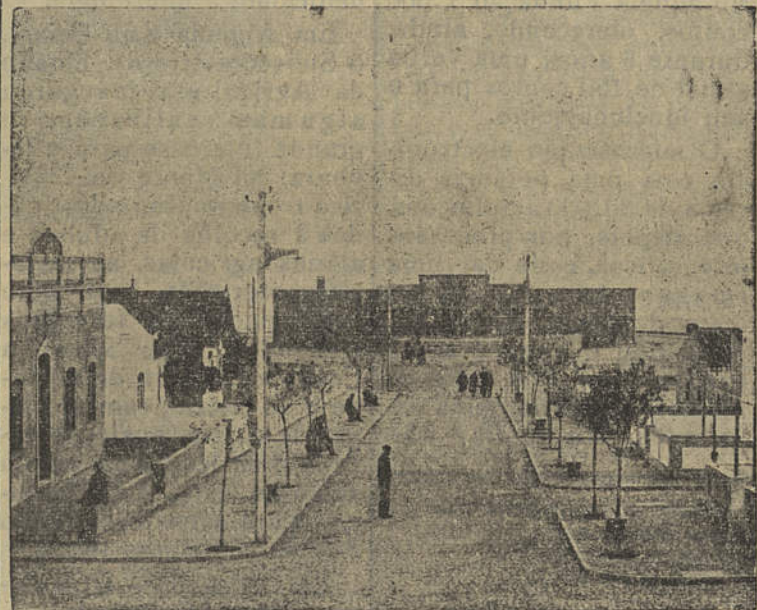
O Monte Gordo actual tem excelente localização, que podemos classificar de privilegiada, pela beleza do sítio, a que se aliam a amenidade do clima e a segurança desfrutada em toda a limpa e extensa praia, fazendo com que a ela, na época calmosa, acorram inúmeros veraneantes, algarvios, alentejanos, da capital e não poucos espanhóis. A terra transforma-se, por meses, numa estância alegre, movimentada, a que muitas construções de linhas modernas, dois cinemas e um casino bem delineado e convenientemente explorado, emprestam ar de burgo importante. Ruas pavimentadas, luz eléctrica, telefones, esgotos e uma estrada magnífica que, com propriedade, poderemos taxar de privativa, cortando os três quilómetros de frondosa mata que a separam de Vila Real de Santo António, valorizam-na ainda mais. Esta utilíssima estrada, cuja concepção e construção denotam verdadeiro sentido turístico, proporciona passeios encantadores e serve também de ótima pista aos diletantes do automobilismo, do motociclismo e do ciclomotorismo, não a dispensado os organizadores de todas as «Voltas» a Portugal em automóvel ou em motocicleta, para a realização de provas complementares.

A vida e progresso de Monte Gordo foi agora, todavia, oposto poderoso entrave. Não bastando, como sensível prejuízo, o facto de muitas centenas de pessoas que aqui vêm serem forçadas a seguir para outras praias, por nesta não terem onde instalar-se, agravou-se-lhe aquele, e grandemente, com o encerramento do Hotel Guadiana, em Vila Real de Santo António, onde dada a curta distância e a facilidade de transporte, se alojavam

muitos dos seus habituais frequentadores. Embora justo, pelos motivos que o ocasionaram, esse encerramento vem constituir sério problema para a risonha povoação, tanto mais que se prevê deva manter-se por largo espaço de tempo.

Mesmo com o referido Hotel Guadiana a funcionar, consi-

derava-se necessária e urgente a construção de um hotel em Monte Gordo. Estabeleceram-se planos, fizeram-se projectos e foi até proposta pela Câmara Municipal a constituição de uma sociedade por quotas, com o capital de mil contos. Nada porém surgiu de positivo, apesar de todos reconhecerem quanto a falta de



recurso que a de bater em retirada, em procura do recanto aprazível no qual possa obter o elemental alojamento. E isto sem falar nos que a Monte Gordo não vêm simplesmente porque não há hotel, já que não querem privar-se da comodidade que reputam indispensável.

J. M. Pereira

VIDA BOÉMIA DE TEIXEIRA GOMES

Abandonados os estudos em Coimbra, Teixeira Gomes perde-se na boémia, mas não deixa de solidificar e ampliar a sua já vasta cultura. Vem para Lisboa, onde frequenta a Biblioteca Nacional, lê: Leibnitz, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, Hartmann, Heine, Nerval, Edgar Poe, Zola e outros grandes mestres. Aqui re-

laciona-se com João de Deus e Fialho de Almeida e outras figuras de relevo nas letras e na política. Depois, con-

por JORQUIM ANTÓNIO NUNES

cluido o serviço militar, sem honras nem galões, vai para o Porto, onde toma conhecimento com jornalistas, escritores e artistas e priva com Sampaio (Bruno), Basílio Teles, Soares dos Reis, Marques de Oliveira, Francisco Carrelhas, Ciriaco Cardoso, Joaquim Coimbra, Queirós Veloso, etc.

Com outros jovens frequenta a padaria do pai do Bruno, na Rua Bonjardim, que ficou sendo conhecida simplesmente pela «Casa Bonjardim», onde se reuniam os jovens absecados pela política e as letras. Teixeira Gomes estreita laços de amizade com José Pereira Sampaio (Bruno), que mais tarde havia de encarregar de lhe publicar o seu primeiro livro «Inventário de Junho». Contudo, não se deixa arrastar pelas tarefas revolucionárias do do seu amigo, mais velho do que ele três anos absorvido pelo jornalismo, pelas letras e pelo seu republicanismo que o levou a exilar-se em Paris.

Na cidade invicta, Teixeira Gomes inicia a sua actividade literária em jornais e revistas, mas mais assiduamente no «Primeiro de Janeiro». Colabora na «Folha Nova», do Porto, fundada por Queirós Veloso, em 1882, revista de insignificante projecção, a avaliar pelo único exemplar existente na Biblioteca Nacional de Lisboa; na «Folha de Hoje», também do Porto, publicação de pouco merecimento, de que era proprietário e redactor principal A. Ferreira de Brito, e tinha como colaboradores; Xaxier de Carvalho, João Penha,

PERANTE O NOVO HORIZONTE DA ECONOMIA EUROPEIA

O PROBLEMA da maior actualidade na economia europeia é sem dúvida, a criação do mercado comum, e da zona do comércio livre, o que se traduz em novo horizonte da economia do

por Dr. VASCO MARTINS

Continente, interesse, como não pode deixar de ser, todas as nações da velha Europa que se situam para cá da «cortina de ferro».

O momento que passa e a vida futura parece já não poderem fugir a esta encruzilhada: a técnica moldando a economia e esta impondo-se à política. Talvez aos russos assista razão em não fazerem destrinça entre economia e política.

Na realidade, os imperativos daquela condicionam não só a vida interna dos estados, mas também, as relações entre as nações e, de tal modo que as formas políticas têm que oferecer um contorno perfeito e devidamente ajustado às realidades económicas, poucas vezes se apresentando com carácter de independência. De facto a expressão da vida actual tem cada vez mais um sentido económico e os problemas neste campo encontram uma consistência, pois existem dados reais, e a política tem que acorrer para lhe emprestar a forma de consolidação ou para lhe encobrir os contornos, enquanto a evolução não se verifica completa e a estrutura definitiva é atingida.

Ora, desta asserção temos uma demonstração eloquente feita pela Alemanha-Occidental. Terminada a guerra, procurou ressurgir a sua economia, e toda a preocupação, dos seus dirigentes se orientou neste sentido. O povo alemão com-

preendeu a situação, empenhou-se a fundo e com confiança nos seus dirigentes para obtenção de uma economia saudável. Este esforço não bem conduzido, em poucos anos, conhecia o êxito completo e, hoje, a sua importância política corre paralela à da sua economia. Foram portanto, o êxito da sua economia que foram ditando o seu predomínio crescente no política mundial. Não consta que neste curto período em que se operou o renascimento da Alemanha alguns dos êxitos ou posições-chaves da sua economia tivessem tido origem em sucessos da sua política: bem, ao contrário as vantagens que a sua florescente economia lhe foi proporcionando traduziram-se em êxitos da sua política, e, o seu prestígio neste plano ganha expressão cada vez maior.

Esta citação é feita para demonstrar que não são só os russos que não fazem distinção entre economia e política; no campo ocidental, também há quem proceda da mesma forma, e com os melhores resultados. A economia dá vitalidade aos povos, rejuvenescendo-os, e, a política debilita-os e condut-os ao geromorfismo. Política, em pura racionalismo, só como expoente da economia; pode conceber-se. Estas ideias, ainda pouco ventiladas constituem os princípios por que se estão regendo os estadistas de alguns países do Mundo que aspiram a levar a prosperidade aos seus povos, ou que, em plano astuciosos procuram a hegemonia que em futuro, mais ou menos longínquo, lhes dará a possibilidade de imporem as suas vontades e os seus sistemas do governar.

As ideias são, na realidade, simples e, como tal, como sucede com tudo que é simples, torna-se, de difícil apreensão.

O problema da integração económica da Europa apresenta-se em palpitante actualidade. A empresa é ousada e como tal lança a perturbação, aliás, compreensível pelos múltiplos e complexos aspectos que apresenta.

No nosso País o assunto está merecendo a melhor atenção por parte das entidades oficiais, economistas e estudiosos. As ideias e pontos de vista, por vezes, não são concordantes e não surpreende, pois trata-se de um tema em discussão onde há interesses vitais a considerar a antagonismos a conciliar.

Aproveitamos esta oportunidade de para apresentar o nosso ponto

(CONCLUI NA 7.ª PAGINA)

Dominado pela efervescência política e literária desse fim do século XIX, Teixeira Gomes frequenta todos os cenáculos do Porto e de Lisboa e toma parte nas mais distintas reuniões familiares. E' assim que trava relações com figuras das mais representativas da época: Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Condes de Proença - a - Velha, Alfredo Mesquita, Luiz Osório, Carlos Malheiro Tias, António Nobre, Magalhães Lima, Silva Pinto, Marcelino Mesquita, Gomes Leal, Abel Botelho, Gualdino Gomes, Jorge O'Neill, Tomás Pizarro, D. Sara da Mota Marques, Brito Camacho, João de Barros e muitos outros.

Os pais de Manuel Teixeira Gomes, já conformados com a desistência do filho dos estudos, proporcionam-lhe meios de conhecer outros países, outras gentes, costumes, como já tinham feito seu pai, o Sr. José Libano Gomes e seu avô Manuel Gomes Teixeira que foi dos exércitos de Napoleão e vencido na memorável batalha de Waterloo.

Assim o janota portimonense se lança na deliciosa aventura de viajar por terras de gente que fala uma língua diferente da sua, que guarda com religiosidade reliquias do génio; traços indelévels das catástrofes cu-

jas ruínas se veneram, fragmentos de esforço de raças inteiras, despojos de vitórias repassadas de sangue e de dor, retratos de tiranos que fizeram tremer os homens do seu tempo com o seu despotismo, poderio e a sua riqueza; imagens de santos e de mártires onde se reconforta a alma e se embece o espírito; em suma, nesses legados que mostram a grandeza e a decadência das gerações que nos infundem admiração ou repulsa pelas páginas mais vivas e reais da história.

(CONCLUI NA 7.ª PAGINA)

Notícias do Algarve

Para a boa organização e confecção do presente número, tornou-se impossível a saída do nosso Semanário na passada semana, pelo que pedimos muita desculpa aos nossos leitores.

Conta Gotas

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

a ler. Um livro em que se fala de esperança, de confiança nos homens e no futuro. O eléctrico, bem ensinado, amachuca-o, desgasta-o, arraza-o de incomodidade. O livro está bem agarrado, porém.

Enquanto a máquina-trituradora treme, convulsa, como se procurasse alcançar o fugitivo.

As duas mulheres

Vivo constantemente a analisar-me a mim e os outros. Um vício. De que não gosto, mas de que me não liberto.

Analisar quantas vezes, as mais delas, não significa desgostar! Levanta-se uma quantidade de lodo, a água fica turva. Enojá-me mergulhar nela. Estranho! Quanto mais me desgosta, mais fundo vou. O demónio de conhecer não me larga das unhas com facilidade.

Por que razão gosto eu de visitar o Casal das Maças? Porque me dava tranquilidade, era um bálsamo para os meus nervos. Mas porquê? Não era apenas a satisfação de oferecer um romance, de proporcionar umas horas felizes. Nem era só o prazer de conversar um minuto com o Sr. Ambrósio, sem arredar os olhos das farras brancas do cabelo amassadas pelo suor. No fundo, se a figura do velho me atraí, pelo pitoresco, pela graça sem propósito que vem das suas palavras, a verdade é que não adiro plenamente. Amarrado à terra, «toupleira mais que as toupeiras» como ele diz. Senhor feudal naqueles dois palmos de terra (adquirida, ao que consta, sem muita lisura) a palavra dele é soberana. Ai da mulher e da filha se desobedece!

A amizade das duas mulheres, eis aí o que me lá chama. Calmas, ajudando-se sem alarde, o que uma tem é para repartir com a outra. Tolstói refere-se a um «dizer mais» entre familiares que não é prova de maledicência, mas sim de amizade. Pois não me recordo de alguma vez ter ouvido quer à Albertina, quer à Joaquina, uma palavra, um gesto de censura, de reprovação.

Há entre as duas uma aliança tácita para vencer o abandono, o isolamento, a tirania do patriarca. Uma aliança de que participa também, o marido da Joaquina. A mãe tem consciência dela. Gostaria, talvez, de fazer parte. Mas os muitos anos de senhorio quebraram-lhe a espinha. Não se aproxima dos filhos e teme o marido a ponto de não fazer coisa com coisa se ele levanta mais a voz. Incapaz de uma atitude enérgica, a senhora Aurora até o sorriso com que me recebe parece em desequilíbrio na sua boca.

As duas mulheres sentem em mim uma aliada, rodavam-me com o calor da sua amizade. Começo a ver o molto que leva à Albertina a aprender a ler, quase a abelhar-se dos trinta anos. E' uma forma ainda de lutar contra o velho. De caminhar, titubeante ainda, é certo, para a independência.

Maria Manuela Nunes

Festas Populares na Alameda

EM FARO

Podemos informar desde já os nossos leitores de que estão asseguradas as festas de S. João e S. Pedro, nas noites de 23, 24, 28 e 29 do corrente na Alameda João de Deus, em Faro.

Este ano vão ser levadas a efeito por uma Comissão de sócios do Sporting Clube Farense e o programa está a ser elaborado dentro do maior cunho popular. Estão previstas exhibições de marchas populares, de ranchos folclóricos e de atracções nacionais. Haverá fogos de artifícios e recinto de baile, com magnífica orquestra.

Sabemos que a Câmara Municipal de Faro patrocina estes certames mantendo-lhe a tradição dos festejos populares na Alameda, tão ao sabor público da capital algarvia e de toda a província.

GAMEIRO, L.ª

COMPRA E VENDE PROPRIEDADES

HIPOTECAS

Av. da Liberdade, 144-2.º

Tel. 366031 LISBOA

A FAUNA HUMANA

SANTO ANTERO

O PROFESSOR Sousa Martins, o mais notável médico da sua brilhante geração, chamava-lhe Santo Antero.

E na propriedade desse nome simbólico pairava o misticismo da estrutura desse homem complexo



Antero do Quental

e bom que se chamou Antero de Quental. Pode-se dizer que foi num produto santo e vulcânico que a ilha de S. Miguel o exportou para a pequena cidade de Coimbra. Esse meio intelectual imprimiu ao carácter do poeta uma salutar cultura e uma firme renovação filosófica e literária.

Carrel, com o livro célebre «O Homem, esse desconhecido», veio aumentar ou diminuir o inconsciente que pesa sobre nós todos? Com precisão, ninguém o sabe dizer. A vida humana está sujeita a tantas alternativas e tantos saltos bruscos, que ninguém conse-

gue, com certeza, definir o que pretende.

O próprio sábio Aleixo Carrel, com uma vasta bagagem científica, filosófica e social, morreu quando menos esperava.

Folhee esta semana, mais uma vez, os «Sonetos Completos», do formidável sonetista açoreano.

MARCOS ALGARVE

Quando abro este livro, não resisto a percorrer com os olhos o magnífico prefácio de Oliveira Martins.

O retrato moral e espiritual do seu desventurado amigo ergue-se fielmente nesta síntese do sereno crítico e historiador:

«Ele próprio se embriaga, não com as suas palavras, mas sim com aquela teoria passageira que inventou *ad hoc*, e, quando alguém lhe objecta um pequeno senão, todavia essencial ao seu edificio lógico, resiste, defende-se, irrita-se às vezes, mas por fim é ele próprio que, com um dito, desfaz toda a construção. Seria um orador, um jornalista de primeira ordem, se não tomasse apenas a sério a sua missão de poeta, ou antes de filósofo.»

«Depois de tudo isto dirão pessoas pouco dadas ao estudo do animal homem que Antero de Quental é um assombro. Longe de isso. A sua força é a prodigalidade com que a Natureza dotou o seu espírito; mas essa força é uma fraqueza. Tem demasiada imaginação para ver bem; e por outra lado o raciocínio crítico peia-lhe os voos luminosos da fantasia.»

Nestes dois trechos do admirável prefácio de Oliveira Martins

(Conclui na 10.ª PAGINA)



apresenta UMA CRÓNICA por semana

QUELA velha fábula do pavão orgulhoso e tolo que se ufanava das vistosas penas que o cobriam e lhe ornamentavam a cauda, mas que não reparava nos horribes pés que possuía, tem, quotidianamente, apropriado emprego para termo de comparação com o que sucede com muitos cavalheiros.

O fabulário, tal como os pensamentos, os anexins, os ríões, as máximas, os provérbios, tem larga aplicação na vida prática. Outra coisa, aliás, não era de esperar sendo o fabulário, como é, um repertório de acontecimentos vividos que o homem transformou em simbologia mais ou menos filosófica.

Não é raro vermos quem se insurja contra qualquer reparo que lhe seja feito, quando levou uma vida inteira a criticar — quantas vezes com licenciosas palavras — as acções alheias. Do mesmo modo que não é difícil encontrar quem louva hoje para minimizar amanhã ou vice-versa. E' da inconstância do homem que resulta a existência ou inexistência do carácter.

Há também os que, por inveja ou malquerença procuram ferrar a sua dentada sempre que a mais insignificante oportunidade se lhes oferece.

VIDA BOÊMIA DE TEIXEIRA GOMES

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

Por lá anda Teixeira Gomes enamorado, a amar, a aprender e a sentir as produções de arte que immortalizaram os grandes feitos ou maus, dos homens detentores da força e do ouro. Nesta vida, leva a vida a recrear o espirito, a aguçar a sensibilidade, a enriquecer os seus conhecimentos artísticos e a robustecer a sua mentalidade.

Visita demoradamente a Espanha, a Itália, a Grecia, a França, a Bélgica, a Holanda, a Inglaterra, a Alemanha, Tanger, Argélia, Tunísia e Constantinopla, etc. E quase se esquece de partir de Sevilha, de Paris, e de muitas outras cidades, principalmente em Itália: de Florença, de Roma, Veneza, Nápoles, Genova, Sicília, etc.

A sua incontida alegria leva-o a escrever cartas aos amigos com narrações fantásticas e primores de literatura, que vieram a constituir depois boa parte dos seus livros. Assim foi temperando a alma e afinando o seu carácter de modo a merecer a confiança, o respeito e a admiração dos amigos.

Com a sua lucidez penetrante e excepcional capacidade de emoção, galvanizadas pelas visitas demoradas aos mais belos repertórios de arte da Europa e do norte de África e Asia Menor, que lhe proporcionaram uma cultura vastíssima, tornou-se um dilectante das letras, das artes e da política, com requintos aristocráticos e hábitos fidalgos, nas que não afectaram a sua grande popularidade.

J. A. N.

Do livro «Vida e Obra de Teixeira Gomes» em preparação.

PERANTE O NOVO HORIZONTE DA ECONOMIA EUROPEIA

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

de vista sobre uma expressão que está a vulgarizar-se em virtude de ser proferida e repetida por notáveis personalidades, algumas dentro do ambiente e dos conhecimentos da complexa ciência da economia: — o mercado comum português. A interposição de comum entre mercado e português parece-nos extemporânea e sem propriedade. O que se pretende, sem dúvida é reorganizar o mercado português, e como disse Sua Ex.ª o Senhor Presidente no Conselho, formar no espaço português uma economia nacional.

Se, para o efeito, tivermos — temos, com certeza — de encarar e resolver problemas que até certo ponto também surgem na criação do mercado comum europeu, isso não constitui, por forma alguma justificação para designarmos o nosso caso por mercado comum português. No caso do verdadeiro mercado comum, ele tem esta designação por pôr em comum as economias nacionais dos participantes. No caso português, não se trata de pôr em comum economias provinciais, mas sim desembaraçar o espaço português das excentricidades que impedem a economia nacional de tomar a expressão correspondente ao seu verdadeiro potencial e à sua acomodação geográfica.

Julgamos, portanto, que o emprego da expressão mercado comum português é inconveniente e até perigosa pela ideia e fácil paralelismo que podiam ser deduzidos em negação da tese comprovada da nossa unidade nacional.

E perante o novo horizonte da economia europeia, no que respeita ao nosso País, há que oferecer no mais curto prazo, uma realidade a considerar: essa, será sem dúvida: — o nosso mercado, o mercado português — se não em toda a pujança produtora, pelo menos, em potencialidade de fácil e breve concretização, e, não apenas como uma zona de consumo dos produtos oriundos dos outros países.

Necessariamente, tal esforço terá que incidir afinçada e devotadamente, pondo inteligência, saber, capital e trabalho ao serviço da industrialização do País, para que seja esta faceta dominante da sua estrutura económica e que, na realidade é imprescindível para a conquista do ambicionado progresso e do tão necessário aumento no nível de vida da população do nosso Portugal.

Dr. Vasco Martins

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
EM TODO O ALGARVE

AOS NOSSOS MORTOS DA GRANDE GUERRA, EM FRANÇA!

Comemorando a passagem do 40.º aniversário da Batalha de 9 de Abril, em França, e recordando o gesto simpático com que o Governo do referido País quis sublinhar tal passagem, oferecendo a Portugal, para ficar junto do Túmulo do Soldado Desconhecido, o «Cristo Mutilado das Trincheiras», que durante quase dois anos, no Sector Neuve-Chapelle, nas horas gloriosas ou incertas das nossas tropas fora sempre o lábaro da sua Fé, julgo de particular oportunidade ressuscitar também do esquecimento em que se encontrava, entre outras lembranças da Guerra, uma poesia que escrevi há 40 anos ante a campa de um soldado português morto gloriosamente nos campos da Flandres e enterrado pelos próprios alemães na cratera da granada que o prostou.

Possa tal ressurreição conseguir ao menos corresponder ao intuito cultural regionalista e patriótico, com que o «Notícias do Algarve» mais uma vez solicita a minha modesta colaboração para a comemoração festiva de um seu aniversário.

Eis a composição referida:

Dorme, descança em paz... E ao túmulo do Herói unja-o de eternidade o orgulho de ter vindo mostrar que Portugal tem sempre um gesto lindo quando quer reviver em glória quanto foil

Dorme, descança em paz... Terra da França, ao norte, é quase terra irmã da Portuguesa, a amada! E abriu-te nela a cova a improba granada, porque ela te quis seu ainda além da morte!

Transfigurou-se a leiva em rasto de alma, em vinco donde emerge uma cruz, chamando à oração; e a própria cruz ajoelha ao preito, em alemão, — «UM BRAVO PORTUGUÊS!» —, deixado sobre um zinco. Flandres, 1918.

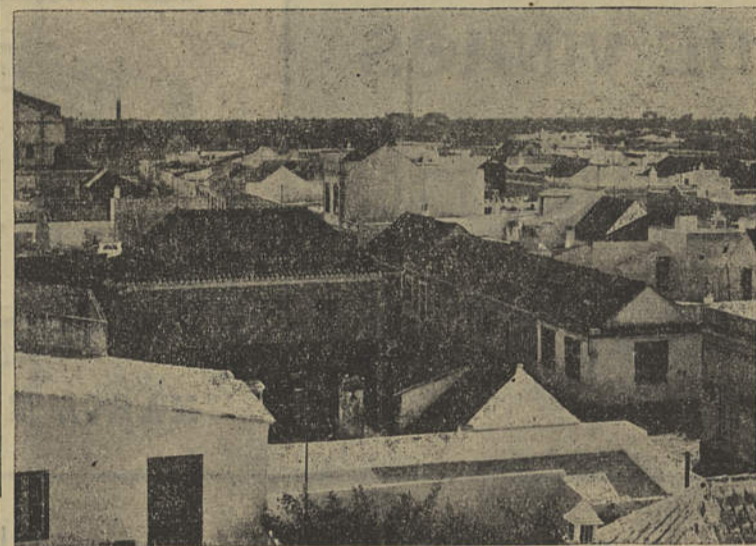
Mateus Moreno

VILA REAL E VILA FLOR

VILA Flor, lá no Nordeste, distrito de Bragança, e Vila Real de Santo António, no extremo-Sul diversas na disposição, nos costumes, na situação orográfica — uma no interior, outra à borda d'água — têm

POK
DR. CABRAL ADÃO

pontos de contacto, quer gerais (ambas portuguesas de Lei, ambas garridas e



acolhedoras) quer particulares.

De Vila Flor partiu um dia o Mário Augusto Smith Pires, vilaflorense retinto, como eu; e, nas andanças da vida, foi parar a Vila Real de Santo António como Chefe de Finanças, onde se demorou alguns anos. Constituiu família no Algarve e conquistou amizades, pois as belas referências que dele me faziam amiúde, aqui em Setúbal, os comuns e estimados amigos António do O' da Silva e José Cirilo Uva, não me deixavam deduzir outra coisa.

Quando mais não seja, este abraço que estreitou a minha terra transmontana à florescente vila algarvia, basta para as relacionar, e aproveitar a relação para eu trazer a este simpático semanário, na pessoa do seu director, Sr. João Adelino Dias Pena, o meu agradecimento pelas

transcrições que tem publicado dos artigos saídos em «O SETUBALSENSE» sob a epigrafe «Algarve em Flor».

O Mário Pires, a quem não sei por que bulas conheciam na terra pelo apodo de «Sábia» e no Liceu de Bragança, que frequentou comigo («O' colega! — me chamava sempre), de Piaço, já não pertence a este mundo, ceifado no início

que transmontanos e algarvios se entendem muito bem.

Eu, vilaflorense também, emigrado para Setúbal, rarrissimamente o vi, apesar da nossa relativa proximidade. Mas quero relatar aqui uma partida de 1.º de Abril em que ele me ajudou e que deu um resultado!

Há pelo menos uns doze anos, num dia 1.º de Abril, uma pequena de Setúbal, chamada Celestina, oriunda do extremo do Sotaventto, não me recordo bem de terra, conseguiu enganar-me.

Contou-me qualquer desastre acontecido com uma rapariga das nossas relações, acho que atropelamento por bicicleta, o que me deixou contristado, e me fez procurar a «sinistrada» em sua casa. Claro que ela estava de muito boa saúde, e eu fiquei furioso por cair na rede.

Esperei pacientemente um ano, estudei as relações familiares da Celestina, no Algarve, acabando por apurar que existia lá uma tia de quem ela era muito amiga, em cuja casa passava anualmente um período de férias.

Bom! O plano foi este: o Mário Pires expediria um telegrama para a Celestina assinado pela tia, noticiando que se achava algum

(CONCLUI NA 10.ª PAGINA)

IMPRESIONES DE ALGARVE

LOULÉ Monumento Simbólico

LOULÉ está en una encrucijada estratégica, exactamente en la coincidencia de estos caminos de Algarve que zigzaguean la fronda y brufen de asfalto los vericuetos increíbles de las laderas. En Loulé hay un ritmo poderoso de vida y un pulso potente y rápido que late sin medida y agiganta

un triunfo de cales poblado la ondulación áspera de los montes prolíferos.

Los caserios esmaltan de
POR
MANUEL FERIA SOUSA

vitalidad el perfil hosco de los breñales redimidos. Aquí, el algarrobo pe-



LOULÉ — Terra Natal do saudoso Eng.º Duarte Pacheco

su sistema arterial, dando la cara a sus problemas.

Loulé se va haciendo día a día, piedra a piedra, hito a hito, guardando su secreto de viejas fuentes nutricias y de caudales milenarios.

Confluyen los caminos por entre el cromatismo cambiante de todos los verdos. Ahora se engalana la floresta con la gama encendida del ropaje primaveral y hay como una emergencia de tonos verdes que cubren el ocre rojizo del terruño agreste.

Se proyectan las sombras sobre el oro estallante de la mies en sazón y vemos

renne, el almendro pletórico, el olivo pujante, la vid prometedora y la higuera enardecida brotan como un prodigio increíble haciendo juego con los maizales exultantes, a modo de oasis recortados al frescor de los manantiales purísimos.

Hay que venir a Loulé, desde cualquier punto cardinal, aunque solo sea por saturarse de asombro.

Vamos a dejar a nuestra espalda lua urbanística atildada de la población para darnos de cara con la expresión granítica del más alto homenaje rendido a un hombre en Portugal.

(CONCLUI NA 10.ª PAGINA)

Agência Peninsular
DE
VIGIENS E TURISMO
TELEPHONE 216
Rua Conselheiro Bivar, 51-PARO

Passagens Aéreas e Marítimas para todos os Países da
Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central,
aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e visto Consulares

Informações gratuitas

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA



O Técnico e Prova-
dor desta casa
é o seu Proprietário

O maior "STOCK" de vinhos de mesa, lico-
rosos extremadura, aguardente vínica e ba-
çaceira da região e aguardente de ginja

**Preços em concorrência
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»,
«MINHA ULTIMA MARCA»
«AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»
AGUARDENTE ESPECIAL «TREZE»
e BRANDY «SORK»

Produtos vînicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas
Vendas com garantia de baixa
Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:
ÁFRICA E BRASIL

Armazéns de retém:
N.º 1 a 6, no Cartaxo, em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino
Angola
Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65 · B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO-PORTUGAL

Telegramas «TREZE»

Telefones { 13-Cartaxo
27-Ericeira
821-Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} · S. Mamede Riba Tua

BOLINDER'S

« Diesel » — 4 tempos

Motores industriais e marítimos

Grupos electrogéneos e auxiliares de bordo

Moto-Bombas ♦ Compressores portáteis

UNIDADES EM « STOCK » PARA ENTREGA IMEDIATA

REPRESENTANTES

Agência Marítima Transatlântica, L.^{da}

« SECÇÃO TÉCNICA »

RUA DE S. PAULO, 9-1.º = TEL. 29330 = LISBOA

António Vasques Gonçalves

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone 2.31.55

Alfândega — LISBOA

Não sofra mais de
HERNIA

(QUEBRADURAS)

EXPERIMENTE A SUAVIDADE E SEGURANÇA QUE LHE OFERECE O NOVO SISTEMA DE CONTENÇÃO, EXCLUSIVO das FUNDAS E CINTAS

BARRÈRE

DE PARIS

APROVEITANDO A PASSAGEM DO ESPECIALISTA BARRÈRE EM

JUNHO

FARO DIA 20

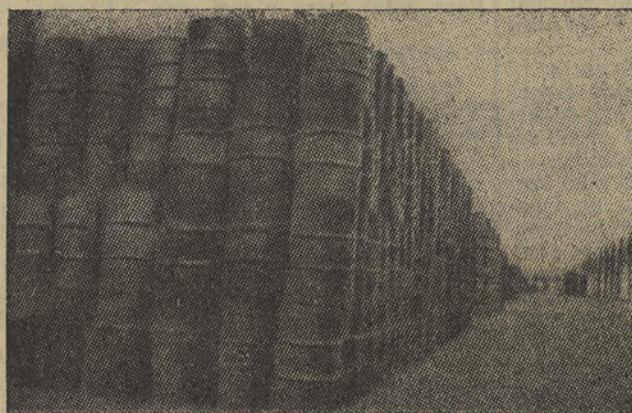
Farmácia Baptista

Ensaio e catálogos grátis

Instituto Barrère de Portugal

LISBOA R. Nova de Trindade, 6-1.º
Tel. 24168

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

A. SANTOS
FÁBRICA DE BIDONS

Vende e compra bidons de ferro de todas as capacidades novos e usados, arame e sucatas

ARMAZÉM:

Estrada da Charneca, 69-LISBOA

Telefones: 05 83 84 - 05 84 32

CORRESPONDÊNCIA:

Av. General Roçadas, 69-LISBOA

Telefone: 84 39 09 — Telegramas: ANTOS

Fábrica Luso-Holandesa de Redes, Lda.Estrada da Circunvalação
MATOSINHOS — Portugal

Esmerado fabrico de todos os tipos de rede de pesca.

A MAIS MODERNA E MELHOR APETRECHADA FÁBRICA NO GÊNERO

Sede em LISBOA — Rua do Alecrim, 17

SAÍU O PRIMEIRO VOLUME DO
DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO
DE DATASpor José Vacondeus
e Rui Neves**A HISTÓRIA DO MUNDO POR DATAS**

- 614 páginas
- 500 gravuras
- 7 países: Albânia, Alemanha, Andorra, Áustria, Bélgica, Bulgária e Checoslováquia

UM GRANDE ACONTECIMENTO EDITORIAL
DOS NOSSOS DIAS

Cada Volume — 210\$00

Entrega adiantada do volume
com pagamentos mensais desde 37\$00

EDIÇÃO DE

GOMES & RODRIGUES

Largo de D. Estefânia, 17

LISBOA

Farmo-técnica, Lda.ARMAZENISTAS
IMPORTADORES

Equipamento Farmacêutico e Hospitalar

COIMBRA

Avenida Navarro, 41 — Telf. 2221

Telegramas FARMO-Apartado 137

CAFÉ RESTAURANTE
JANELAS VERDESA casa das boas tapas
— DE —

Luís Félix da Silva

CERVEJA A COPO
E MARISCOSTELEFONE 208
RUA DE AVEIRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**Empresa de Transportes do Rio Guadiana, L.^{da}**

TELEFONE 152

Com esplêndidos barcos, podendo tratar de passeios fluviais e excursões para qualquer ponto do rio
Reboques e transportes de passageiros, automóveis, autocarros
entre VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - AIAMONTE e VICE-VERSAAVENIDA DA REPÚBLICA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Santo Antero

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

encontram-se os elementos primordiais da génese poética de Antero. Tenho na minha presença um curioso trabalho intitulado «O Verdadeiro Antero», da pena elegante de Rebelo de Bettencourt, que julgo ser um apaixonado açoreano pelo génio de Antero. É uma brochura de 80 páginas, publicada no primeiro centenário do nascimento do singular poeta, que passou em 18 de Abril de 1942.

A pág. 15 diz o articulista: «No seu livro (de António Sardinha) — Ao Princípio Era o Verbo, que encontramos o ensaio em que Antero surge habilitado do falso pecado de cepticismo, em que não caíra jamais, e da degenerescência, a que o cientismo, muito discutível, de Sousa Martins, o condenara ingloriamente».

O cientismo de Sousa Martins, o mais categorizado clínico do seu tempo, é muito discutível? Que acanhado crítico esse! Sobre um assunto puramente ligado à ciência médica temos de concordar com a opinião de um homem bacharelado em Direito, como era António Sardinha? Além de isso, nunca viu Antero, somente o conhecendo através da sua obra desigual e contraditória.

Sousa Martins, como Oliveira Martins, conheceu Antero, privou com ele longos anos observando-o, estudando a sua nevrose e os efeitos da marcha dessa doença física e mental.

E pela infelicidade de ter herdado essa funesta doença e um temperamento mórbido, deslocou-se ele a Paris para consultar o afamado especialista Charcot.

Em um livro epigrafoado «Frend e a «Perversão das Massas», li esta demonstração do próprio sábio Frend: «De tudo que vi em Companhia de Charcot o que mais me impressionou foram as suas últimas investigações sobre história. Tratava-se de demonstrar a autenticidade e normalidade dos fenómenos históricos em indivíduos masculinos».

Está nesta singela síntese o segredo do mal crónico que levou o grande poeta açoreano à capital francesa para ouvir o diagnóstico de Charcot.

Na carta a Germano de Meireles, seu compadre e amigo íntimo, lê-se esta tirada do seu idealismo cristão e da sua fé: «Abençoada doença, se fizer de mim o homem impassível dos Estoicos, o santo de Marco Aurélio».

O pessimista e o homem de génio que se matou aos 49 de idade, é que eu vou evocar de novo, respeitando o juízo sensato dos Ven-

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »
VENDE-SE
 na FIGUEIRA DA FOZ:
 Tabacaria Pessoa

cidos da Vida — esse grupo escolhido ao qual Antero presidiu após a sua desilusão política.

No volume dos «Sonetos Completos» encontra-se de tudo: o seu pessimismo, a sua crença e descrença, o seu desânimo e as convulsões íntimas da sua alma ardente e inquieta:

Símbolo da Ilusão, que do infinito fez surgir o Universo, já marcado Para a dor, para o mal, para o [pecado]

Símbolo da existência, se maldito. No *Elogio da Morte* volta a tanger as suas interrogações fatais:

Nem fantasma nocturnos visio-
 nários,
 Nem desfilas de espectros mor-
 tuários,
 Nem dentro em mim temor de
 [Deus ou forte...

Antero de Quental não esqueceu por este motivo emocionante: o seu livro de soneto é a Bíblia da Humanidade, o espelho onde os homens descobrem um pouco do seu temperamento, da sua alma e da sua vida contemplativa e dolorosa!

Marcos Algarve

Vila Real e Vila Flor

(CONCLUSÃO DA 7.ª PAGINA)

tanto doente, com uma infecção num ouvido, e que seguia na camioneta nesse dia 1 de Abril, para Setúbal, pedindo à sobrinha que se preparasse para embarcar no mesmo transporte e a acompanhar a Lisboa, onde já tinha quarto particular, num hospital, para a receber.

A Celestina recebeu o telegrama e não se assustou. «Isto cheira-me a partidinha. Hã! 1.º de Abril...» E foi à Estação dos Correios perguntar se o telegrama seria falso.

— Não, minha meninal — disseram-lhe. — Este telegrama foi expedido de manhã, no Algarve. Não tenha dúvidas.

Ora eu é que vinha na camioneta em questão, porque coincidia com uma terça-feira e nesse dia de semana regresso habitualmente duma consulta em Alcácer do Sal, na carreira da E. V. A.

Mal a camioneta dobrou a esquina dos Combatentes, em Setúbal, vi logo a Ce-

IMPRESIONES DE ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 7.ª PAGINA)

Ya tenemos frente a nosotros la excelsitud simbólica del monumento al ingeniero Duarte Pacheco. La grandiosidad del conjunto queda resumida en la leyenda lacónica y exacta que sirve de fondo a la obra de sillaría: «UNA VIDA VELOZMENTE VIVIDA Y ENTERAMENTE CONSAGRADA AL PROGRESO PATRIO. SALAZAR».

He aquí la síntesis del hombre y la síntesis de su obra. He aquí el permanente ejemplo de un homenaje de exalta y eterniza agigantándose.

La obra fecunda de aquel louletano insigne, que en un ansia creadora de futuro rompió el marasmo que desnudaba el sistema arterial de toda la economía

portuguesa, está aquí explicada, taxativa y elocuentemente.

Basta la columna erecta, inacabable, sin capiteles posibles, que se alza en anhelo infinito hacia lo alto y se trunca súbitamente por el cilindro granítico de su fuste. Basta el altorrelieve broncíneo — medallón de perfil — recio y rotundo del ingeniero colosal, enmarcado en laureles soberbios, para llenar de personalidad el conjunto. Y basta el lapso cronológico—1899-1943—que leemos al pie para explicarnos la ráfaga que segó una vida en la plenitud de los más altos designios visionarios.

Todo se ha conjugado para convertir el monumento en arquitectura impresionante: la amplitud de la vía que llega a la rotonda, el semicírculo austero que orla la gravedad de la columna enorme y el fondo soberbio del horizonte que se recorta en la majestad de la sierra bravia.

Un solo material, la piedra, el más noble de los materiales, pregona aquí la elocuencia de su magnitud. Toda la fábrica está tallada en el mismo granito. Parece como si allí hubiera existido un bloque inmenso y las manos esculpadoras de todo Portugal lo redujesen, a golpe de cincel, a esta geometría prodigiosa, expresiva y armónica.

Hay que venir a Loulé, aunque de vuelta de todas las metrópolis y ahitas las retinas de monumentos minimizados y ridículos o colosalmente absurdos, para comprender el homenaje eterno que en piedra labrada, sin otro aditamento que el bronce grave de un perfil definitivo, es capas de erigir un pueblo colonizador de continentes a la memoria de un louletano asombroso, visionario y fecundo: el ingeniero y ministro de Obras Públicas Duarte Pacheco.

Manuel Faria Sousa

Cabral Adão

ESTABELECIMENTOS IMPÉRIO

PARA BEM SERVIR

Fazendas, Calçado e Merceria Telefone 165
 Mercerias, Tabacos, Combustíveis, }
 Lubrificantes, Cervejas e Águas Minerais } Telefone 45
 Pastelaria Império Telefone 186
 Instalações de Gasóleo (Cais) Telefone 120

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

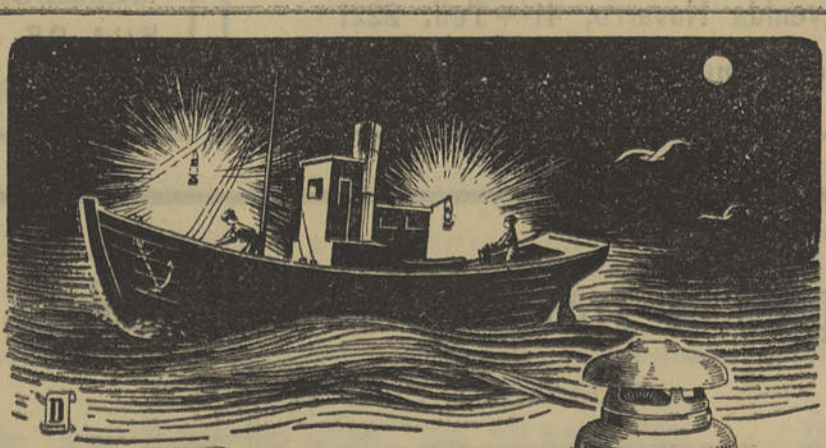
MABOR

COLHA AS VANTAGENS DE UMA BOA EXPERIÊNCIA NO FABRICO DE PNEUS PARA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO EM PORTUGAL

COMODIDADE
 •
 SEGURANÇA
 •
 ECONOMIA

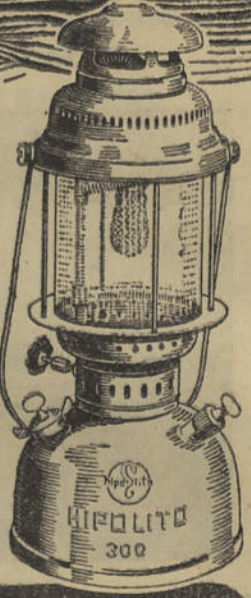
BENEFICIE DA EXISTÊNCIA DE UM BOM SERVIÇO DE VERIFICAÇÃO DE PNEUS NOS POSTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRATUITA

LISBOA — Largo do Andaluz, 15-C — Telef. 57162
 Av. Sidónio Pais, 4-A — Telef. 49195
 Av. do Aeroporto-lote 102 — Tel. 721226
 PORTO — Praça dos Povos, 50 — Telef. 28271
 COIMBRA — Rua de Sofia, 175 — Telef. 25529
 AVEIRO — BEJA — BRAGA — C. BRANCO — COVILHÃ
 FARO — SANTARÉM — VILA REAL — VISEU



- MAIOR INTENSIDADE LUMINOSA
- SEGURANÇA ABSOLUTA
- CONSTRUÇÃO FORTE E RESISTENTE
- ÓPTIMA APRESENTAÇÃO

SAO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS LANTERNAS DE 100 E 300 VELAS



HIPÓLITO

A MARCA QUE OFERECE TODAS AS GARANTIAS
 FÁBRICAS EM TORRES VEDRAS
 AGÊNCIAS: PORTO — Rua Saraiva de Carvalho, 47
 SANTARÉM — Rua Dr. Teixeira Guedes, 38



FOGOS DE ARTIFÍCIO

Os mais vistosos fogos para queimar na mão, em salas, janelas e jardins, de grandioso efeito e inofensivos, para festejos populares, verbenas, festivais nocturnos, etc. — Aerostatos, Balões Venezianos, Bandeiras, Grinaldas para ornamentações, Foguetes, e todos os fogos de artifício, próprios para todas as Festas e Arraiais, Recepções, Verbenas, etc.

Catálogo grátis, com preços especiais para Revendedores

DIRIJAM PEDIDOS A CASA

ANTÓNIO TORRÃO COVILHÃ
 TELEF. 804

José Maria Gomes & Irmão

Compram e vendem:

Todas as qualidades de sucata — Navios, Batelões
 Fábricas para desmantelar, etc., etc.

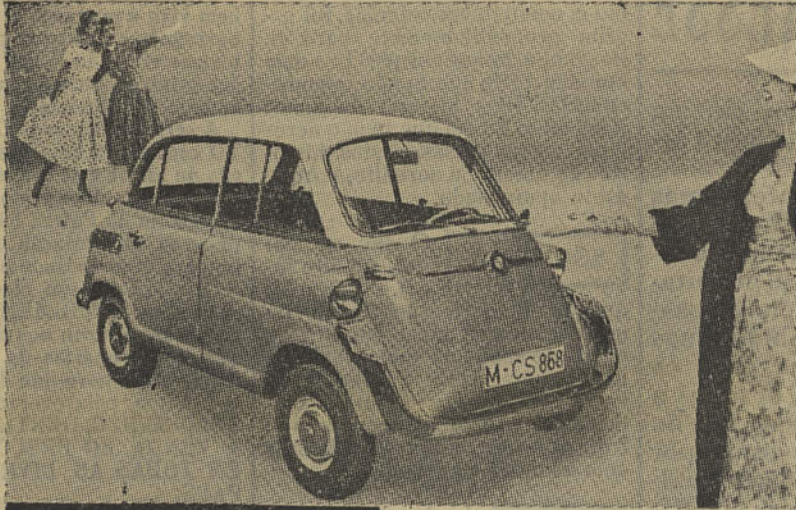
Escritório e Armazém em edificio próprio

Rua Arco a Alcantara, 46

Telefones 666614-638191

LISBOA

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO



A Sensação de 1958

ECONÓMICO • ELEGANTE • ROBUSTO

E... perfeitamente ao seu alcance

Sensacionalmente Económico,
O B. M. W. 600 C. C.

gasta apenas 5 litros
aos 100 Kilómetros.

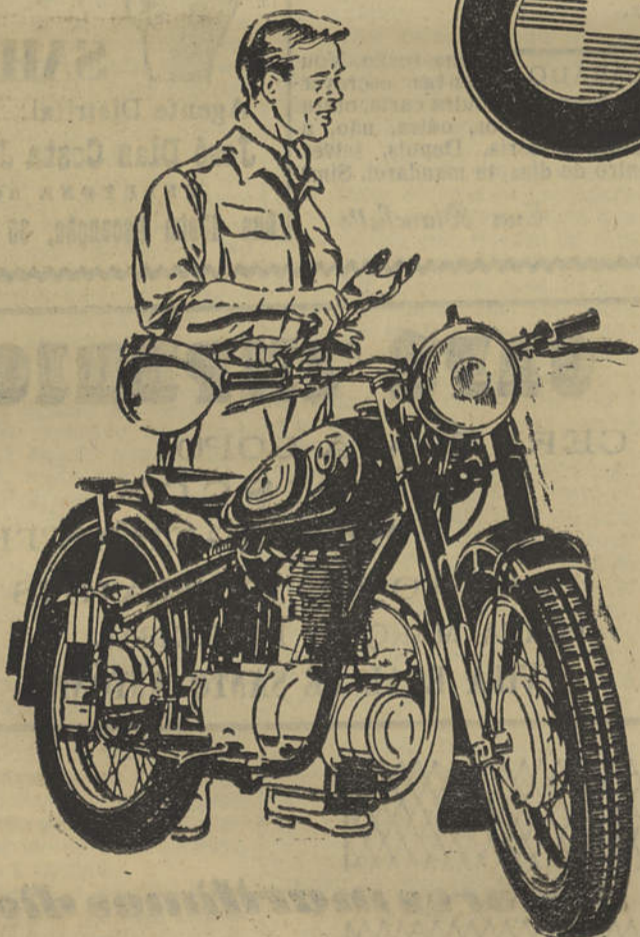
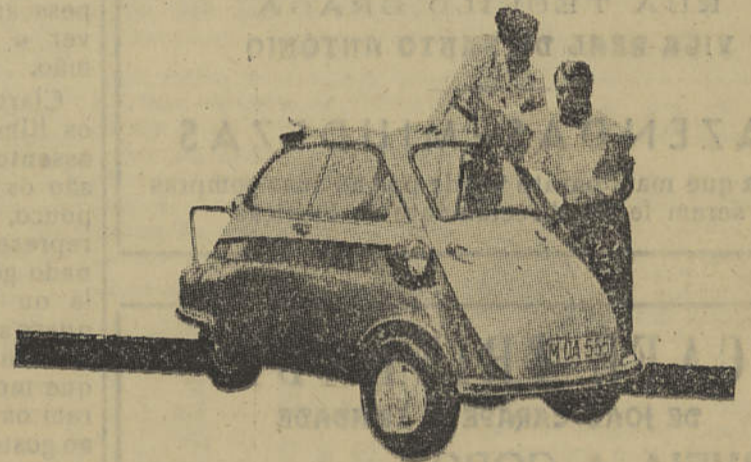
Quatro lugares espaçosos



NOVA SUSPENSÃO
MAIS ESPAÇOSO
NOVA VENTILAÇÃO
VIDROS DE CORRER
NOVAS CORES
MAIS FACILIDADES DE PAGAMENTO

Isetta

300



MOTOCICLETAS

A MELHOR MOTO DO MUNDO

SILENCIOSA

CONFORTÁVEL

TRANSMISSÃO POR VEIO

EM AUTOMÓVEIS E MOTOS, VIAJA MUITA GENTE

MAS EM B. M. W... SÓ O EXIGENTE

R-26

15 C.V.

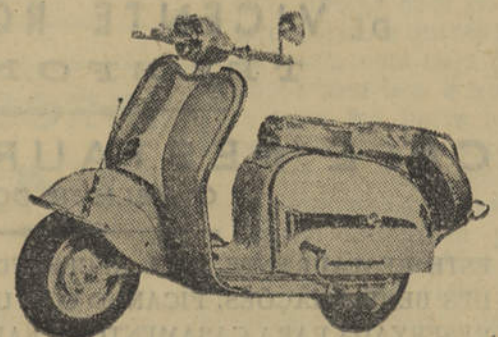
130 KLM/hora

DURKOPP

"UM SCOOTER DIFERENTE" 200 c. c.

Linhas de rara beleza, luxuoso acabamento, maior rendimento, aceleração e velocidade, com maior estabilidade e conforto.

ARRANQUE ELÉCTRICO E KICKSTARTER



EX-MODELO

Diana

PORTO

Rua Santo Ildefonso, 535
Telef. 52503

LISBOA

Av. António Aug. Aguiar, 3
Telef. 59979

ÉVORA

Rua Serpa Pinto, 43
Telef. 2013

No Bar ou na Esplanada...

Convide os seus amigos com

Simoranja

Que os deixará deliciados pelo seu intenso aroma e sabor natural de Laranjada
SIMORANJA o refrigerante das ELITES

É um produto SIMON

MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO

MADEIRAS - FERRAGENS - DROGAS - TINTAS
ESTALEIRO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

▶ TELEFONE 147 ◀

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SOCIEDADE COMERCIAL ARI, L. DA

RUA TEÓFILO BRAGA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FAZENDAS - MIUDEZAS

A casa que mais barato vende por as suas compras serem feitas directamente às fábricas

CAFÉ TRINDADE

DE JOÃO CARAPETO TRINDADE

CERVEJA A COPO

MARISCOS

CAFÉ CREME «FAEMA»

AGUAS MINERAIS — REFRIGERANTES

Praça Luís de Gamões

PRAIA DE MONTE GORDO

H. VAULTIER & C.^a

FARO

LUBRIFICANTES

«EAGLOIL» e «ESSO»

MATERIAL DE INCENDIO
ENPANQUES — INSECTICIDAS
ARTIGOS AUTO — MOTORES
TUBOS — FERRO

e máquinas para:

Lavoura, Moagens, Lagares, etc.

ANTÓNIO JOÃO HORTA

ESTABELECIMENTO DE
MERCEARIAS — LOUÇAS — VIDROS

Mercado 1.º de Maio, 38

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Pensão - Restaurante

Costa d'Oiro

LAGOS

AS CAVES DO GUADIANA

DE VICENTE RODRIGUES

TELEFONE 74

CAFÉ RESTAURANTE

O MELHOR DO GÉNERO NO ALGARVE

ESTE RESTAURANTE ESTA RECEBENDO GRANDES BENEFICIAÇÕES, FICANDO COM UMA SALA RESERVADA PARA CASAMENTOS E BAPTIZADOS

VINHOS DE MESA VERDES E MADUROS
— DAS MELHORES QUALIDADES —

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Agradece a visita de V. Ex.ª e recomende a nossa casa às pessoas suas amigas



COMENTÁRIO DE CINEMA

TRÊS FILMES DE INTERESSE

NEM sempre, cá pela província, os públicos (cultos ou não) estão aptos a saber antecipadamente se determinado filme reúne ou não condições que satisfaçam o seu próprio gosto de cinema. Isto deve-se, em parte, à falta de um esclarecimento sério sobre o valor real e específico de cada filme. Na generalidade, para a grande maioria dos públicos, a cotação de um filme processa-se a partir da categoria das vedetas que o interpretam, das semanas de exibição que a fita conseguiu na estreia em Lisboa, das críticas mais ou menos tendenciosas da imprensa e da opinião mais ou menos suspeita de algumas pessoas que conseguiram ver o filme em primeira mão.

Claro que, quase sempre, os filmes cujo valorização assentou nestas bases, não são os melhores nem tampouco, por vezes, os mais representativos de determinado género, espécie, escola ou tendência. São sim, quase sem excepção, os mais convencionais, aqueles em que melhor se condensaram os ingredientes gratos ao gosto popular — uma vez que o critério cinematográfico da grande maioria do nosso público está ainda bem longe de afinar pelo melhor.

Assim, acontece muitas vezes passarem despercebidos filmes de interesse para aquelas pessoas que pedem ao cinema algo diferente da

evasão que, hoje, o cinema mais que qualquer outra arte favorece.

Eis porque entendemos dar uma pequena notícia de três filmes recentemente estreados em Lisboa, perfeitamente susceptíveis de passarem despercebidos nas nossas salas, mas para os quais chamamos desde já a atenção das pessoas que no Algarve se interessam por cinema capaz de dizer qualquer coisa. São eles «TOUREIRO»; de Carlos Velo, e «UMA AVENTURA EM VENEZA», de Roger Vadim e «SAYONARA» de Joshuo Logan.

Se não era fácil deixar passar este último, de um realizador que já nos deu «Piquenique» e «Paragem de Autocarros» (dois filmes que o público português apreciou) o mesmo não aconteceu em relação aos outros.

Carlos VELO e Roger VADIM, um espanhol e outro francês, eram até agora absolutamente desconhecidos no nosso país. Entanto, Velo é já um dos poucos grandes de Espanha. No seu filme, baseado na biografia autêntica de Luiz Procúnia, Velo tenta a desmistificação do toureiro — acção que devemos reconhecer temerária, dado que em Espanha a tourada rivaliza em interesse com o futebol, e os grandes toureiros são ídolos das multidões ébrias do sangue (do touro ou do homem) que mancha nas tardes de domingo o solo escaldante da arena. Mas o toureiro não é um Deus, é um homem. E como tal tem medo. Não há mais heroísmo no toureiro. Há um ser derrotado que sofre a angústia da sua condição humana, escravo da engrenagem que o tomou. E o filme termina com uma interrogação trágica posta na boca do protagonista: «É no próximo domingo, que será de mim?»

«Uma Aventura em Veneza» é, salvo erro, o sexto filme de Vadim, mas o primeiro que corre em Portugal. Vadim é um novo e um inovador. A sua posição em relação ao cinema é a de procura. Vadim é um nome a fixar. E o seu filme prende e arrebatou porque a linguagem de Vadim é uma linguagem nova e dinâmica. Há sempre um moço nos seus filmes. Não o deixamos correr em vão.

Por último, «Sayonara». J. Logan mantém a denúncia da sociedade americana, começada em «Piquenique» e continuada em «Paragem de Autocarros», — ambos ao ao princípio peças de teatro. Desta vez J. Logan transporta-nos ao Oriente, pondo-nos em face de duas civilizações. O conflito gerado é um libelo mais contra o racismo que permanece actual nesse admirável país que os EE. UU. poderiam ser, se os Logan fossem compreendidos. «Sayonara» é uma obra post-macartismo. Dantes não teria sido possível. E, Sobretudo, «Sayonara» é um admirável filme de amor.

Gandelas Nunes

Anúncio neste jornal de grande expansão em todo o País.

A MINHA AGENDA

DOMINGO

Perguntas - me, querida amiga, porque não escrevo nesta agenda que me oferecete. Comecei hoje e continuarei a fazê-lo sempre que necessites de mim. Tinha já uma carta escrita sobre a minha mesa de trabalho e, como deves calcular, foi escrita propositadamente para ti. Rasguei-a. Sabes porquê? Era uma longa história que tu não compreenderias. Uma história de amor. Rasguei-a. Eu sei que tu não acreditas nestas coisas, nestas histórias de amor. Eu acredito, porque estou apaixonada.

SEGUNDA

O que me pedes, é muito fácil. Escuta: quando limpares um fogão ou qualquer outra coisa gordurosa, enche de sabão as unhas para que não fiquem pretas e sujas. Descasca sempre, com as mãos molhadas, as batatas, cenouras e frutas porque assim não ficarás com as mãos manchadas.

TERÇA

As batatas cozidas com casca, descascam-se melhor, passando-as da água fervendo para a água fria. Juntando um pouco de vinagre na fervura de batatas velhas, elas não ficam escuras. Não esquecerás?

QUARTA

Para conservares melhor o leite de um dia para o outro, deita-lhe um pouquinho de sal, mexe bem e guarda-o em vasilhas mais largas que fundas.

QUINTA

Tens frieiras, querida amiga? Deve ser horrível. Querres um conselho? Presta atenção: junta a uma chávena de terebintina de Veneza uma colher de azeite e outra de cera, dissolvendo esta mistura em calor brando. Usa-a, ao deitar, aplicando-a com uma colher de pau e embrulhando, depois, as mãos em panos de linho.

SEXTA

Dizes que os teus espelhos não têm brilho. Experimenta dissolver gesso em água e vinagre e humedece-os ligeiramente com esta massa, enxugando-os, em seguida, com uma toalha fina, e verás o brilho que lhes consegues dar.

SÁBADO

Tens razão. Vou tentar escrever outra carta, outra história de amor, outra, não, a mesma história. Depois, talvez dentro de dias, ta mandarei. Sim?

Tua Blanchette

DEPOIMENTO

CADERNOS DE CULTURA VIVA

Para um debate sério dos Problemas

Dentro de dias serão postos à venda os cadernos DEPOIMENTO que se propõem trazer até junto do grande público a opinião autorizada e esclarecida de reais valores portugueses sobre problemas vários da vida portuguesa actual.

Procura-se, desse modo, tornar bem viva e operante a cultura dos portugueses e chamar para os problemas vitais da Nação e dessa mesma cultura a atenção que deles tem andado tão divorciada.

A série de cadernos DEPOIMENTO constituirá uma vasta explanação de idéias e de conceitos, formulados com os olhos postos no engrandecimento da Pátria, hão-de reflectir-se na estruturação da vida portuguesa, contribuindo para necessária elevação do seu nível em todos os campos. DEPOIMENTO será um amplo repositório dos anseios e das questões primárias da nossa existência como povo que desesperadamente luta pela evolução. DEPOIMENTO, DENTRO DE DIAS A VENDA, AO PREÇO DE 1\$50, EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LISBOA

na Tabacaria Antunes & C.^a

Av. Almirante Reis, 22-C

(aos Anjos)

SAHARA



A LÂMINA ALEMÃ QUE LHE PROPORCIONA UMA BARBA BEM FEITA, DE CORTE SUAVE E AGRADÁVEL E LHE OFERECE NOTAS DE 500\$00, 100\$00, 50\$00, 20\$00! SE ENCONTRAR A SENHA SAHARA TROQUE-A PELO PRÉMIO CORRESPONDENTE



SAHARA

Agente Distrital:

José Dias Costa Júnior

TELEFONE 307

Rua Abolm Ascensão, 33 — FARO

CAFÉ IMPÉRIO

CERVEJA A COPO

MARISCOS

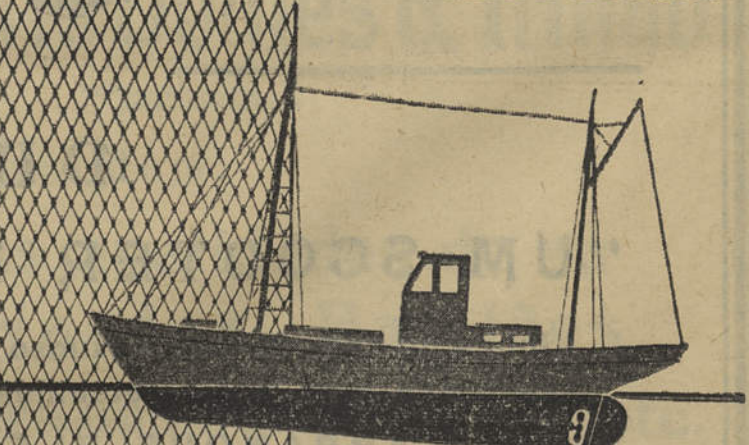
REFRIGERANTES

SALÃO DE BILHARES

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

motores marítimos diesel



MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS
CU MUITO RÁPIDAS
PARA OS MODELOS:

OM 606	34 H.P. - 2.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. - 1.200 R.P.M.
203 B	50 H.P. - 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. - 1.200 R.P.M.
MB 846	225 H.P. - 1.800 R.P.M.



REPRESENTANTES: C. SANTOS L.D.A.
LISBOA - COIMBRA - PORTO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



«OS CAFEZEIROS»

CHAMAM-LHES «os cafezeiros, quatro arbustos de carne e osso que não produzem café, pelo contrário, bebem-no, fresco e aromático, em copo ou em chávena — magestosamente sentados no varandim daquele café elegante lá do meu bairro.

O amigo Leitor talvez não acredite mas o arbusto-débil, é o pai — encarquilhado e indolente, sem vontade própria nem aspirações, que vegeta para cá e para lá, agarrado à estafada reforma com que paga aquela despesa diária; e talvez também não acredite que o arbusto-mor, é a mãe — pequena e toda ela cheia de gaiaticos, trazendo qualquer pele que já teve categoria de *vison*, mantendo ali na mesa a personalidade e a linha de quem vive a larga sem preocupações. Seguem-se lhes os outros dois arbustos: a filha e a criada — e nós todos vamos acreditar neste retrato individual que se segue.

A filha (o arbusto-montra), já ultrapassou a casa dos trinta, lutando, coitada, contra a loucura de ter de fazer anos todos os anos — moçotona sem aspecto exterior, gorda e achacada, que outra coisa não faz senão pavonear-se e que, acreditando, já namorou, na escada, à janela, à mesa do café, mas... continua solteirinha porque, claro, o tipo do homem ideal, como ou careca, mas de posição, de preferência engenheiro, ainda lhe não apareceu, e que diabo, a pequena ainda tão nova! A criada (arbusto-faminto), é quem sofre as consequências; trata-se de uma velha quase centenária que incarna a figura trágica e tétrica de um domingo sem sol — porque ela sabe o que vai lá por casa.

Tirado o retrato aos quatro arbustos, vou contar aos senhores a história do pecado deles terem nascido: olhem os pai — continua a ler o jornal; a mãe; segredou agora à filha um «aquele, filha, de casaco claro, olhou fixamente para ti», e põe-se a olhar em sentido contrário, porque ela não gosta dos parvos que olham para a filha; a filha: deita o braço sobre o varandim e faz tilintar a pulseira; a criada: abre a boca e começa a bocejar — tem fome.

Lá em casa, as coisas correm mal: a reforma do pai não traduz nada à letra, por mais que se lhe dê o lamiré. A pobre da criada vê-se em palpos de aranha para, diariamente, tapar aquelas quatro bocas famintas, incluindo a sua, e aqueles quatro buracos oriundos da barriga, incluindo o seu, fazendo uma autêntica sorte com papelinhos e muito malabarismo aos escassos e míseros escudos que se lhe agitam no bolso do avental. No mercado municipal, não tem já aquela popularidade de outrora, desde que as vendedeiras verificaram aquela série de balões de oxigénio que iam lá por casa, e a pedincha do «carapau para o gato», da «alface para o grilo» ou da «folha de couve para as galinhas» — isso, senhores, passou de moda. Por isso, ela, a criada que boceja com fome, está velha e cansada, farta de lutar por uma causa perdida há longo tempo — sacrifício e miséria, porque? Ah! Como ela sabia, se soubesse escrever, editar um romance com aquelas três personagens! Bom, ela não entrava nesse quadro de miséria — só a sua senhora, o senhor e a menina.

E a pobre velha, passava assim sobre os transeis difíceis, conseguindo, milagrosamente, tingir os pratos com sopa e na travessa esconder as ramagens da porcelana com quatro carapans fritos!

No varandim do café, a farsa continua: os «garotos» em chávena ou as «bcas» fumegantes, são ornamentos indispensáveis — e todas as noites, quer chova quer faça luar, aquela mesa, como um reduto imbatível, é deles, é o último trunfo da «menina», trunfo já velho e desacreditado, mas que pode servir de rede a qualquer papalvo — e até o criado lhes dá o rótulo de Vossências e pede, discretamente, o pagamento dos cafés atrasados!

Um dia, entrou um desconhecido no café elegante e espreitou o olhar sobre todas as mesas; olhou uma por uma e registou na cabeça florida com caracóis brilhantes, as candidatas a casamento. O arbusto-montra passou, aos olhos dele, por menina capitalista e filha única — e o idílio começou, tempestuoso e romântico, do balcão para o piso inferior e vice-versa, troca de olhares que falavam mais do que a boca, sorrisos brancos e gestos disfarçados que nós todos, os do piso lateral, registávamos.

Mais tarde, depois de a mãe

aconselhar a filha e o pai olhar de frente para o futuro da sua reforma e a criada ter passado ao segundo plano, isto é, ter ficado em casa, o tal desconhecido fazia já parte da mesa fatídica, entabulando conversa com ela, rindo abertamente com a mãe e batendo amigavelmente nas costas do pai — e pagando a despesa que além dos cafés era agora reforçada com um prato de bolos. E, o amor, natural, fluido, brotou e alastrou no coração da apaixonada — dessa rapariga que sempre idealizara um ombro amigo para descansar, um ombro diferente, um ombro dum engenheiro, e ele, o desconhecido, era engenheiro!

As reuniões cessaram, momentaneamente, no café, e iniciaram-se em casa dos arbustos — talvez a primeira oportunidade de a criada vestir um avental branco e decente.

As vizinhas emprestaram-lhes um serviço de chá e a reforma do pai assegurou-lhes três ou quatro jantares daqueles jantares sintéticos — e acabado o jantar o senhor engenheiro levava-os a passear no seu *Taurus* abrindo as gualdas do rádio e puxando a antena do mesmo, que balouçava ao vento.

Após duas semanas terem passado, e nessas duas semanas já eles falavam e namoravam sózinhos na janela da sala de jantar, a mãe, o arbusto-mor, quiz ir passar o fim-de-semana para a «casa do campo» do futuro genro que, segundo ele disse, ficava para os Estoris — e naquele sábado, um sábado trágico, tudo se desvendou: mas oicamos a história.

Manhã cedo, não fossem as vizinhas enfiarem o passeio, foram todos deabalada — ouvindo pela estrada fora, o programa radiofónico da manhã. Chegados que foram ao tal ponto dos Estoris, o engenheiro não encontrou a chave da porta da «casa do campo» mas, já que ali estavam, iriam passear e almoçar — o que contrariou a menina.

Almoçaram numa pensão imunda, o que deu aso a um amuo da mãe e reparo do pai, porque nas de melhor categoria não tinham encontrado mesa, e no fim do repasto, em que o pai teve de alargar o cinto das calças, o engenheiro pediu licença e foi telefonar para qualquer amigo que tinha um molho de chaves, e, qualquer delas, serviria na fechadura da porta da «sua» casa — ideia que foi acolhida com risadas de som estereofónico a quatro bandas. O tal amigo estava em casa, tinha o molho de chaves, mas não podia andar por ter fracturado, dias antes, uma perna, e o engenheiro, pedindo desculpa, deliberou ir a casa do pobre amigo, visitá-lo e e procurar a chave — pelo que os três arbustos ficaram quietos à mesa da pensão, até ele regressar.

Eu não estava lá e só gosto de falar com conhecimento de causa, mas o engenheiro nunca mais apareceu, e por não ter lá estado, também não sei como é que foi resolvido o pagamento do almoço e o regresso à capital — mas posso afirmar que a mãe resolveu procurar o futuro genro na sua residência, aqui em Lisboa, a fim de lhe pedir explicações, já que o pai não servia para essas coisas. E quando o procuravam, tiveram que fugir apressadamente, pois que a mulher que as recebeu era, afinal, a mulher do «engenheiro», e o engenheiro, era um simples lavador de automóveis!

Aqueles quatro arbustos cafezeiros que não produzem café, todas as noites, inalteráveis e dominando o café lá do alto do varandim, permanecem fiéis ao seu idealismo — até que haja um novo «engenheiro» que os convide para um novo passeio a uma ilusória casa de campo!

E a criada, essa continuará a bocejar, enquanto a menina não encontrar um ombro com cheiro de categoria — que mate a fome aos quatro arbustos!

Emílio Valongo

DINHEIRO

Empresta-se qualquer quantia s/ hipoteca a 6% longo prazo.

M. Palma & Silva, L. da R. S. Nicolau, 59-2.º LISBOA Telefone 368768

Chávenas de Café QUASE AMARGO

SE... (MAS NÃO É O DE KIPLING...)

Se um rapaz se te dirigir, apresentando-te os seus projectos, o mundo das suas aspirações, a obra que realizou, recebe-o com seriedade. Nada lisonjeia mais o principiante do que ver-se recebido como quem recebe um homem feito. Ainda não é homem, mas gosta que como tal o considerem. Por esse processo, ganhas um amigo, e preparas, sob bons auspícios, um homem futuro.

PANELAS DE BARRO

& PANELAS DE FERRO

Mal andamos, se passarmos a vida a sonhar, a fumar ópio entre gente activa, a acastelar ilusões entre homens práticos, a criar ficções num mundo todo objectivo, a devanear românticamente entre lobos humanos. A intimidade do sonho acordado com as bronzesas tétas da realidade, redonda sempre na repetição do apólogo das panelas de ferro segundo lado a lado das panelas de barro, na força da corrente: quando mal se precatam, ficam reduzidas a cacos, e são atiradas para as funduras do rio.

Num mundo de gente de olho pio e pé ligeiro — temos de por cóbro ao devaneio, ao sonho, à ilusão, e abrir bem o espírito para a realidade circunjacente.

O outro dia: em Roma sé romano. Nós diremos: entre acordados não durmas.

...E ATÉ MESMO O BEM

Há pessoas tão naturalmente

Herniados

«BRAUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS. «BRAUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

Surdos

Novos Modelos de aparelhos, novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 — LISBOA

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12

BEBE BRANDE

A QUALQUER HORA. MAS BEBE BOM.



— BEBE — KOPKE !.. — 1638 —

bisbilhoteiras, vivem tanto do que se diz, dos boatos que correm, que não podem viver noutra clima. Precisam de ouvir constantemente atoardas e mentiras, de contrário esioiram. Uma dessas criaturas de Deus encontra um amigo e desfecha-lhe a pergunta que lhe baila permanentemente nos lábios:

— Então que há de novo? Não contas nada de novo?

— Tudo como d'antes, quartel general em Abrantes...

— Que diabo! Alguma coisa há-de saber!

O homem, já te disse, não sei nada.

— Não sabes tu outra coisa... Desembuche para aí...

— Palavra.

— Conte alguma coisa, mesmo que seja verdade...

Pelo diálogo se vê que era a mentira que a criatura desejava Deia e para ela vive. O mais não conta, ou só por excepção se considera. Essa atitude nos faz lembrar aquela extravagante tolerância que tudo tolera, o mal... e até mesmo o... bem.

ESTILO EPISTOLAR

A carta não há-de ser dissertação nem inteiro descuido. Para ser de real agrado, o estilo epistolar será desataviado como quem conversa, sem dar a impressão de rebuscado, trabalhado, violentado na espontaneidade. As pessoas sem cultura raro sabem escrever uma carta, daquelas que merecem figurar numa antologia; mas as que forem muito cultas terão de esquecer-se de que o só, para que o estilo lhes corra espontâneo, ao sabor das circunstâncias. A naturalidade, a fluência, a elegância sem artifício, o coração ao pé da boca, a boca junto do coração, o humano integral, tal o clima próprio do estilo epistolar.

CONFERÊNCIAS E OUVINTES

Uma conferência aprofeta geralmente muito mais a que faz do que a quem a ouve. Quem a faz — para bem de desobrigar dela — estuda o que ainda não sabia, ou aprofunda aquilo que já lhe era familiar. Quem a ouve-a, quase sempre, num estado de meio-dono, na clareza da indiferença, e, se ignorante entrou, sábio não saiu.

Há conferências que, ouvi-las uma pessoa, é o mesmo que tomar narcótico as colheres de sopa. E é isso sempre culpa do conferente?

Nem sempre. Nalguns casos, os ouvintes não mais incultos que uma pedra lascada, e as pérolas que lhes deitam, prefeririam elas a bolota. O franco da fábula, esgaravando na esteira, em vez de milho, que procurava, encontrou a pérola e toda a gente sabe do comentário desdenhoso que o achado lhe mereceu. Certos ouvintes também, por vezes, se consideram logrados, porque o paladar lhes pede carrascão e o acaso lhes deu fino vinho do Porto.

Dr. Cruz Malpique

Assina e propaga "Notícias do Algarve"



Instrumentos - Músicas - Pianos Harmoniums - Órgãos - Discos — Rádios Televisores —

Custódio Cardoso Pereira & C.ª, Sucrs. Rua de Carmo, 11 — LISBOA (Fábrica no Porto)

RÁDIOS E TELEVISORES NORDMEND

MODELOS - 1959

Produzidos pela maior Fábrica de Rádios e Televisores da Alemanha O máximo de Técnica, Formato e Som. Antes de comprar um destes aparelhos consulte o Agente nesta localidade M. Salvador Vaz Palma Av. da República, 65 - Telef. 76 Vila Real de Santo António

Comemorações do 28 de Maio Acampamento da Mocidade Portuguesa

Conforme oportunamente noticiámos, realizou-se no passado dia 1 de Junho um acampamento da Mocidade Portuguesa, no Castelo de Castro Marim, para comemorar a passagem do dia 28 de Maio.

Na parte da manhã, pelas 11 horas, teve lugar uma Missa campal, que

além dos filiados presentes, teve a assistência de numerosas individualidades, que expressamente ali se deslocaram para o efeito.

Após a Missa campal, os visitantes, percorreram demoradamente o acampamento, tendo tido palavras de louvor, pelo seu asseio e aprumo dos filiados.



Um aspecto do acampamento da Mocidade Portuguesa no Castelo de Castro Marim

José dos Santos Marques

Por motivos da sua vida profissional, fixou residência nas Caldas da Rainha o nosso prezado colaborador sr. José dos Santos Marques, que ultimamente desempenhou com muito brilho e inteligência o cargo de secretário de redacção de «Os Transportes».

A INAUGURAÇÃO DA II EXPOSIÇÃO FILATÉLICA LOCAL

Pelas 15 horas de terça-feira, dia 10 do corrente, foi inaugurada pelo sr. Pedro Martins Socorro Vice-Presidente da Câmara Municipal desta Vila, a II Exposição Filatélica local, que funciona, como oportunamente noticiámos, no salão de bilhares do extinto Café Centeno, à Praça Marques de Pombal.

No acto falou em primeiro lugar, em nome da Comissão Organizadora, o sr. Júlio Mendes, pelo sr. Pedro Martins Socorro Vice-Presidente da Câmara Municipal desta Vila, a II Exposição Filatélica local, que funciona, como oportunamente noticiámos, no salão de bilhares do extinto Café Centeno, à Praça Marques de Pombal.

Falou a seguir o sr. Pedro Martins Socorro, que disse corresponder com sincero prazer ao amável convite que lhe para feito, por ser a filatelia um passatempo altamente instrutivo e benéfico, pela larga cópia de conhecimentos, tanto geográfico como históricos, que traz aos seus cultores. Acrescentou que devido à exposição fora informado de um detalhe muito curioso sobre a história de Santo António de Arenilha — uma disposição tomada em 1542 por D. João III, e depois de felicitar os componentes da Comissão Organizadora, pela sua iniciativa verdadeiramente feliz lembrou o feriado que decorria, o Dia da Raça, «que enaltece o muito que fizemos pelo mundo, descobrindo, evangelizando, colonizando e trabalhando — Joesta del per Lusitanos»

A seguir foi franqueada a Exposição, a que presidiu manifesto bom gosto, na decoração e disposição dos muitos quadros apresentados, a qual encerrará esta noite.

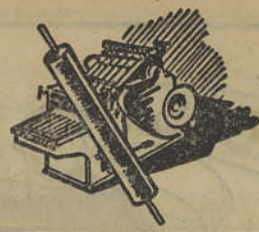
HERDADE NO ALGARVE

Vende-se, denominada Monte do Sol e anexas, situada na freguesia de Alcoutim, com a área de 262 hectares, composta de boas terras de cultura, montado, bastante olival, grande amendoal em plena produção, hortas com pomar de laranjeiras e outras árvores de fruto, com casa própria, poços com boa e abundante água, em parte banhada pelo Rio Guadiana, com bom Monte de Habitação e dependências agrícolas, e tem ligação telefónica privativa n.º 1002 de Alcoutim.

Podem ser vista aos domingos, a partir de 23 de Março.

Dirigir proposta ao Dr. José Gonçalves Fagulha, Beja, que reserva o direito de as não considerar, se não lhe convierem.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE



Uma Vilarrealense Ilustre O Repovoamento Florestal da Serra

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

co — aliás, qual o moço que, em Portugal e especialmente no Algarve, não faz versos?... —, todos eles sofreram marcada influência dessa primeira leitura, pois a de outros poetas — e João de Deus e João Júcio seguiram-se logo, nas leituras da minha puberdade —, embora trazendo-me novas e mais fortes preferências, não apagaram de todo o deslumbramento da verdadeira *intuição*, que para mim foram os versos de Luthgarda de Caires.

Relendo agora esse livro, não me limitei, porém, a recordar — e com que saudade!... —, os tempos já distantes da minha infân-

de exposições e representações aos Ministros da Justiça, fez-se sentir sobretudo na situação jurídica da mulher em Portugal e na resolução dos problemas prisionais com ela relacionados, devendo-se-lhe, assim, além de outros benefícios, a abolição da máscara penitenciária e a extinção do regime de silêncio, bem como a melhoria das condições higiénicas das prisões femininas. A instituição dessa verdadeira *crusada* que é o *Natal dos Hospitais* hoje em dia realizada com tanto êxito pelo *Diário de Notícias*, foi também iniciativa sua, em que pôs o maior entusiasmo e carinho, conseguindo-lhe no seu

guesa, está num recorte de jornal bastante antigo, que, por falta de anotação em devido tempo, não posso já precisar qual foi. E, além dessas, apenas li o *Palácio das Três Estrelas*, por empréstimo de pessoa amiga. Mas, o que assim conheço e li é-me suficiente para ter como absolutamente exacta, justa e merecida a opinião da crítica, que classificou Luthgarda de Caires, a quando da sua morte, como já anteriormente, uma das primeiras poetisas portuguesas de todos os tempos e uma das nossas mais notáveis prosadoras de sempre. Aliás, como poetisa já lhe fora profetizada tal classificação quando em 1915, obtivera o primeiro prémio da poesia nos jogos florais hispano portugueses de Ceuta, com o seu lindo soneto *Florinha das ruas*, sem dúvida um dos mais belos alguma vez escritos em língua portuguesa.

A minha grande admiração por Luthgarda de Caires não resulta portanto, apenas de poder recordar *romanticamente* as suas *Glicínias* como o primeiro livro de versos que li, e a funda impressão que causou no meu espírito então a abrir-se deslumbrado para as belezas e para os mistérios do mundo e da vida; resulta também de um relativo conhecimento da sua obra e do seu real valor, este reconhecido e proclamado há muito pela crítica literária e pela generalidade dos portugueses cultos. E se é certo que foi principalmente aquela recordação que provocou o meu começo a este artigo, não é menos certo que me é possível, com razões que não são meramente de ordem pessoal e *romântica*, justificar os votos com que o encerro:

Que a figura desta ilustre vilarrealense comece a ser melhor conhecida dos seus conterrâneos e dos algarvios em geral! Que os vilarrealenses saibam e consigam, num futuro muito próximo, prestar a expressiva e merecida homenagem a que tem jus um dos mais belos espíritos nascidos na sua terra!

Que o saibam e consigam, até porque... *Nem só de pesca e conservas vive o homem!* Como diria um ilustre amigo meu...

Antero Nobre

ESTAÇÃO METEOROLÓGICA NA PRAIA DE QUARTEIRA

Esteve em Quarteira, a fim de escolher onde deverá ser instalada a Estação Meteorológica, o sr. prof. dr. Amorim Ferreira, lente da Faculdade de Letras de Lisboa e Director do Serviço Meteorológico Nacional.

A referida Estação Meteorológica destina-se a observações meteorológicas para determinação do clima local, para fins de ordem geral e turística.

Espera-se que a nova Estação entre ainda este Verão em funcionamento.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

linha que se estende de Castro Marim e Vila do Bispo, passando por St.ª Catarina, Querença, S. Bartolomeu de Messines, Almarjão e Budens. Está englobada na meseta ibérica, com características portanto continentais, protegendo o litoral dos ventos frios do norte.

Nela há duas regiões distintas, sobretudo devido às características do solo: A Serra de Monchique e a serra xistosa.

A Serra de Monchique (o Monte Cico dos antigos) constitui um lacólito que atinge 902 m. na parte mais alta (Foiá). É constituída por rochas graníticas do tipo sienite (foiáite) que aliadas à alta pluviosidade, por efeito da altitude, originam vegetação exuberante, com espécies que em regra só voltam a aparecer a norte do Tejo, como sejam o castanheiro (*Castanea sativa*) e o carvalho robre (*Quercus Robur*), e espécies pomícolas melhor adaptadas às baixas temperaturas, como a macieira (*Pirus Malus*).

Pelo contrário, a serra xistosa, constituída por xistos e grauváguas do Carbónico com alguns filões de quartzo, de povoamento aglomerado ou concentrado, tem características completamente distintas, formada por montes escarpados com formas predominantemente arredondadas que se estendem em grande monotonia por todo o lado, com declives que chegam a ser de 40 a 45% na região do barlavento, e onde por isso o problema da erosão tem especial acuidade. A desagregação da rocha dá origem a terrenos muito argilosos, impermeáveis e que por isso, ao contrário de Monchique, não alimenta nascentes numerosas. Como diz Choffat «o contraste entre os xistos e a rocha granitoide é sobretudo admirável em Monchique, verdadeiro oásis no meio de um deserto. Nascentes brotam por toda a parte, enquanto a região xistosa só apresenta rovinas dessecadas. A diferença é tão sensível que de qualquer cimo da região xistosa reconhecer-se-iam, perfeitamen-

te, os limites da rocha eruptiva.» Um dos principais problemas agrícolas do Algarve que o Plano de Fomento irá resolver.

A associação «climace» própria das características ecológicas da serra xistosa apenas se manteve em pequenos núcleos, como seja no Barranco do Velho, Vale do Corvo e Boiça, constituída por montados cuja produção de cortiça, no entanto, é uma das melhores do País e um sub-bosque em que predomina o medronheiro *Arbutus Unedo* que fornece quantidades apreciáveis de excelente aguardente. A parte restante da serra é sujeita a um «maquis» pobre ou a culturas arvenses, em especial o trigo, cultura degradadora imprópria para o meio, responsável pela intensa erosão que se observa. A mata que inicialmente cobria toda a serra tem vindo a ser destruída desde há muitos anos, possivelmente desde a idade pré-histórica do homem pastoril, mas foi há poucos anos que essa devastação tomou grande incremento com a Campanha de Produção de Trigo. Este é um dos principais problemas agrícolas do Algarve que o Plano de Fomento irá resolver. S. Ex.ª o Subsecretário da Agricultura, Eng.º Vitória Pires, abordou há pouco tempo este importante problema, dizendo: «Há uma zona serrana do Algarve para a qual é indispensável olhar com o maior cuidado devido ao estado de degradação em que se encontra a maioria dos terrenos. Os trabalhos realizados pelo Plano de Fomento Agrário revelam que dos 500.000 ha. de toda a província apenas 155.200, ou seja cerca de 27%, têm presentemente aptidão agrícola e 550.800 ou 70% correspondem a solos degradados ou em via de degradação e a terras muito pobres cuja utilização florestal ou agroflorestal em pequenas áreas será a única possibilidade do seu aproveitamento económico. Dos 550.800 ha. que devem constituir o património florestal apenas cerca de 55.400 estão arborizados e desses, 50.000 precisam ser repovoados para

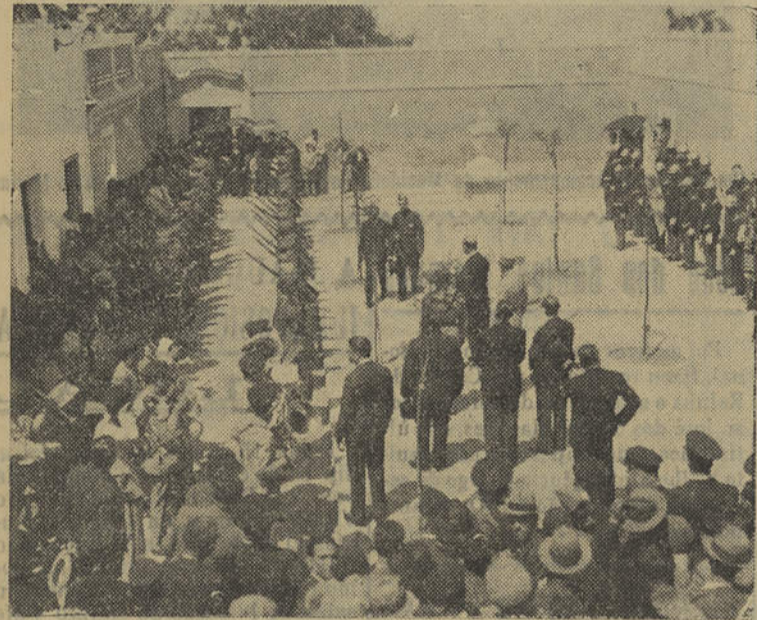
lhes aumentar a densidade. Parece assim legítimo concluir que a arborização florestal é o principal elemento de valorização das extensas zonas serranas algarvias. Essa arborização trará, além do aumento da riqueza privada, benefícios da maior importância como sejam: defesa e recuperação do solo; defesa dos aproveitamentos agrícolas da zona do litoral especialmente várzeas férteis dos rios e ribeiros, possibilidade de manter em cultura arvense algumas parcelas da serra, como os pequenos vales situados ao longo das linhas de água e que têm um papel importante na vida dos seus habitantes; defesa das obras de hidráulica agrícola em curso ou a realizar-se, muito principalmente o aumento do reservatório hídrico na faixa litoral».

O aumento da área de cultivo do Algarve e o mesmo populacional da serra.

Outro problema importante para o Algarve é o aproveitamento dos sapais que ocupam superfície relativamente grande (só no concelho de Faro existem 3500 ha.), problema que já não é novo, pois Silva Lopes em 1841 dizia: «Daquelles terrenos, que bordão as costas dos mares e das margens de algumas ribeiras, podem muito bem ser reduzidas a cultura, roubando-os às marés.» O aproveitamento destes terrenos não é no entanto fácil, reveste mesmo relativamente maiores dificuldades do que o aproveitamento dos «polders» na Holanda, devido à pequena quantidade de precipitação e à alta evaporação do litoral do Algarve. Contudo, com a água proveniente de barragens a construir na serra o problema pode ser resolvido com mais facilidade, o que aumentará a área de cultivo do Algarve em vários milhares de hectares, permitindo albergar o excesso populacional da serra à medida que esta for sendo arborizada».

Eng.º Fernando Reis Cunha

Assinal e propagai "Noticias do Algarve"



Inauguração do Largo Luthgarda de Caires, nesta vila, no dia 18 de Abril de 1937

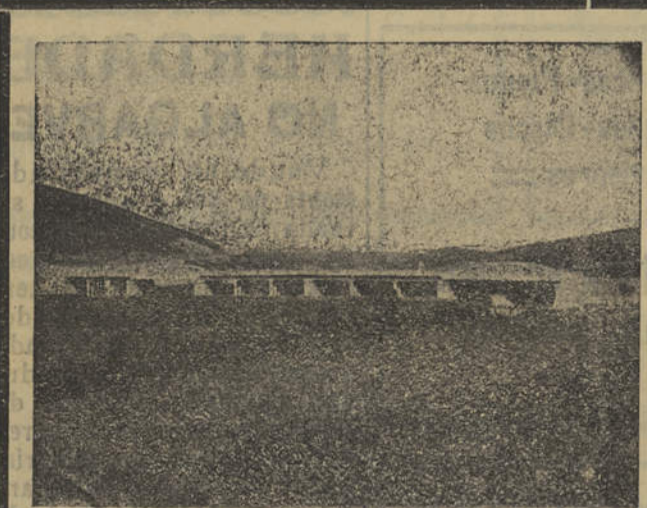
cia, em que o conheci, e a funda impressão que então me causou; lembrei-me, sobretudo, de que a sua autora era do Algarve e de que, tendo sido embora uma distinta poetisa e uma ilustre senhora, é presentemente quase ignorada ou está praticamente esquecida na sua província natal e mesmo na vila pomalina, onde de facto nasceu. E, todavia, por tudo o que foi, ela bem merecida estar sempre presente na lembrança das sucessivas gerações algarvias e vilarrealenses; e destas últimas bem merecida, até, mais do que a simples homenagem do seu nome na *esquina* duma praça da vila, a consagração de um monumento, embora modestíssimo como o seria uma modesta *glorieta*, numa avenida ou jardim da sua terra.

Comefeito, Luthgarda de Caires é uma das mais distintas figuras de mulher portuguesa, não apenas da sua geração, mas de todos os tempos. E não só como poetisa, mas ainda como prosadora, autora teatral, jornalista e mesmo filantropa. Até sob este último aspecto, aquele que menos conhecido ficou da posteridade, a sua acção foi sem dúvida notável empreendida generosamente, nos primeiros anos do regime republicano, por meio da Imprensa e

tempo resultados vulgares e repercussão desusada.

Como poetisa, além de *Glicínias*, que foi o seu primeiro livro e apareceu em 1910, publicou: *Bandeira Portuguesa*, *Papoulas*, *Sombras e Cinzas*, *Violetas*, *Pombas feridas*, que contém, juntamente com versos, alguns contos em prosa, e *Inea*, em colaboração com Virgínia Vitorino e Natividade Gaspar; como prosadora deveu-se-lhe: *Dança do Destino* (contos), *Doutor Vampiro*, (romance) e *Palácio das Três Estrelas* (literatura infantil. Foi ainda autora do libreto da ópera *Vagabundo*, representada em 1914, com música de Rui Coelho, e traduziu, em verso, *A Revolta*, de N. Roussel. E, segundo diz a *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, ao falecer, 1953, deixou inéditos numerosos trabalhos, entre eles: *Anotecendo* (versos), *Arvores Benditas* (prosa), *Águas passadas* (novelas), *Lenda de Quilner* (teatro), e *Nossa Senhora de Lourdes* (prosa).

Desta vasta obra de poetisa e escritora, apenas se encontram na minha estante, as *Glicínias*, que foi oferta e é recordação muito querida de meu Pai, *Papoulas* e *Violetas*, que há muito anos adquiri num *alfarrabista*, em Lisboa, e *Bandeira Portu-*



Ponte de Odessaiche

Os nossos produtos não têm concorrência em qualidade mas concorrem nos preços dos produtos de interior qualidade

Tintas para todos os fins da Construção Civil

Peçam informações sem qualquer compromisso ao Distribuidor Geral:

V. T. MARTINS

Rua da Prata, 59-3.º Esq.

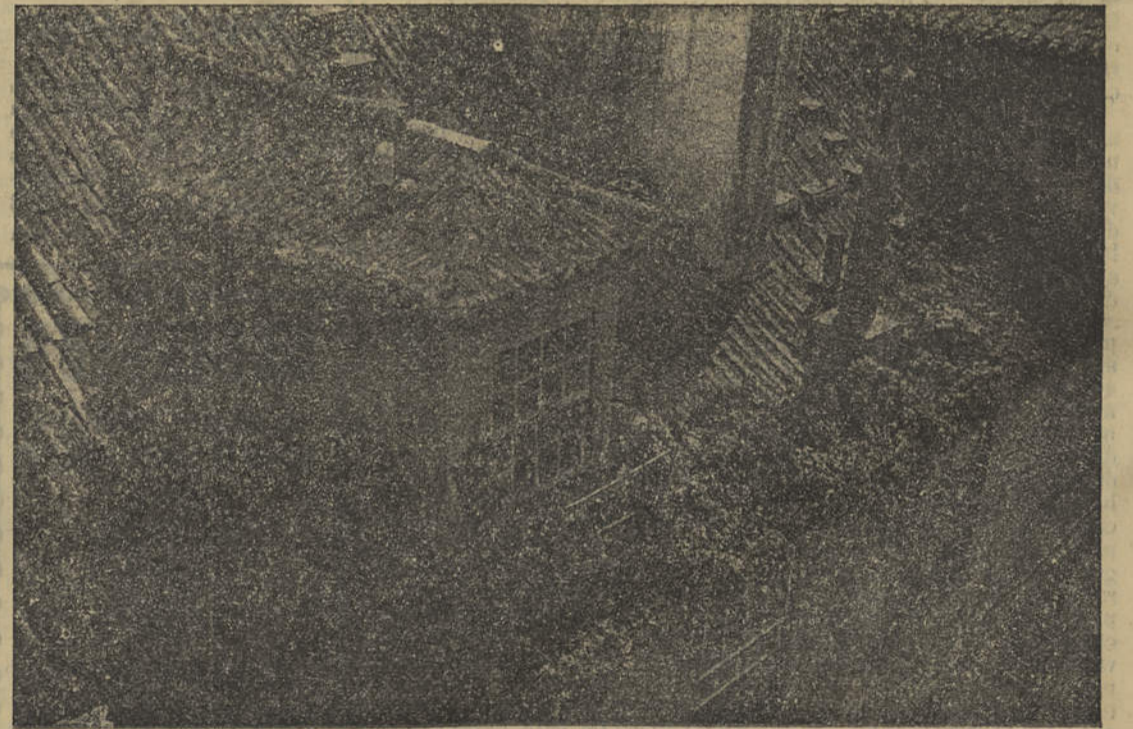
Telef. 23690

LISBOA

Nã só edificios, mas também a maioria das pontes que no país se tem construido desde há 8 anos são pintadas com



e entre elas, há cerca de 5 anos, conta-se a ponte de Odessaiche no limite da Província do Algarve, na Estrada Nacional que de Lagos se dirige a Odemira e Alcácer do Sal. Todos podem pois, observar a impecável resistência à intemperie e decoração



Telhados de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lhados de Lisboa são telhados de fantasia.

Mal o sol rompe do lado da nascente do Rio Tejo, a cidade cobre-se de singular virtude, a virtude de ser Lisboa a típica que todos conhecem. Os bairros lisboetas vestem-se de pompa logo que o sol brilha. Cantares pela manhã, simbolismo dos seus habitantes, dão por toda a cidade a nota poética que Cesário Verde escreveu e Carlos Botelho, o pintor actual da movimentada cor alfacinha, está passando às suas telas. Beleza por toda a cidade. Os telhados de Almada são acolhedores e poéticos.

Uma cordenação panorâmica, estes telhados lisboetas, os de Alfama, da Mouraria, do Bairro Alto até Alcântara, dão uma fisionomia que é um beijo terno. E quando chove sob estes

telhados, vistos do Castelo de S. Jorge? Deixam esquecer os arranha-céus para a parte norte da cidade. E o hortejo que debruça num telhado velhinho? Bela lição de Cesário Verde; flores, gatos e telhas partidas. Telhados de Lisboa, estreitas vielas por onde, lá no alto, saltitante de telha em telha, os gatos chamam a atenção de quem passa ou quem de bem longe os avista num movimento demarcado.

Cai a treva sobre o bairro. A vizinhança retira a roupa que durante a tarde se expôs num suave banho de sol. Enchugou-se a roupa dizem duma janela. Outra chama o seu gato e ainda outra rega as suas flores, já dependuradas para a rua. Que belo dia de sol. Vai chegar a noite.

O silencio cai. E contra ele soam, dos lados do Mi-

radouro de Santa Luzia, os trovadores. Guitarras e violas. Cantos numa noite de verão. Há fadistas de nomeada. Um cheiro a maresia. Rompe a manhã e os pregoeiros dão às trevas dos bairros o primeiro bom dia. Enche-se de vida a cidade que há pouco adormecia com um fado tocado pelos «moinas» fadistas da noite.

Manhã de sol: miragem lá do alto; telhados de Lisboa; o Rio canta um azul, cores de Lisboa são como tapete que convida a passear por ele. Quase se unem e duram, imortalizam a cidade.

Há nestes telhados, os mais típicos, qualquer coisa de diferente a que erro não será chamar-lhes a aguarela mais vivie da cidade e a que mais traduz o sentimento dos seus habitantes.

Francisco Cota